



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Ana Carolina Lydia Ferreira da Silva

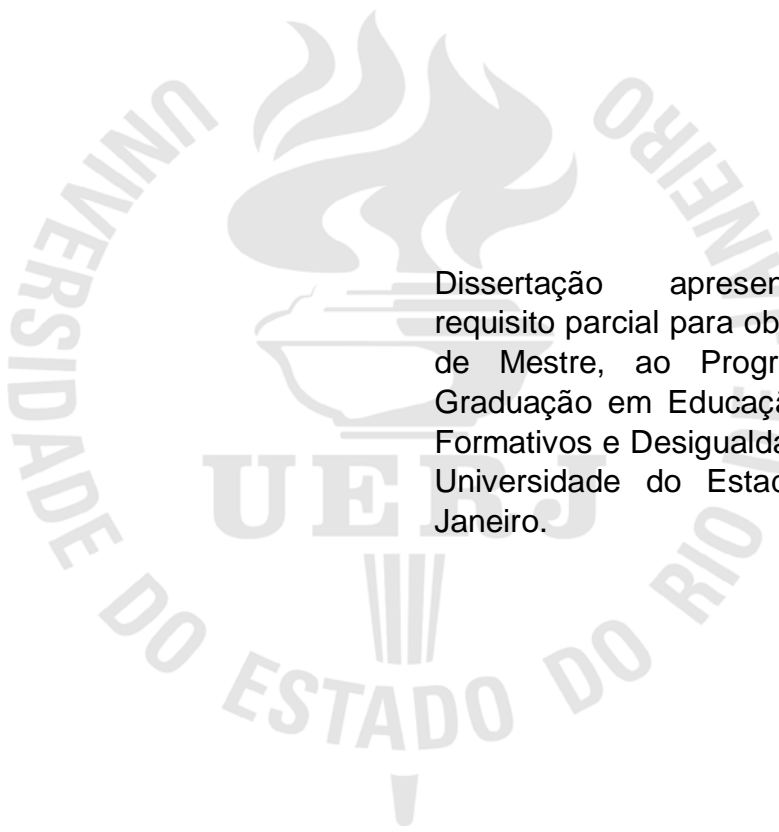
**Transicionando a Educação: O PreparaNem Niterói como espaço
de formação, resistência e afetos**

São Gonçalo

2023

Ana Carolina Lydia Ferreira da Silva

**Transicionando a Educação: O PreparaNem Niterói como espaço de formação,
resistência e afetos**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Dra. Denize Sepulveda

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S586 Silva, Ana Carolina Lydia Ferreira da.
TESE Transicionando a Educação: O PreparaNem Niterói como espaço de formação, resistência e afetos / Ana Carolina Lydia Ferreira da Silva. – 2023.
95f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dra. Denize Sepulveda.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação – Teses. 2. Movimentos sociais – Teses. 3. Travestis – Teses I. Sepulveda, Denize. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 – 4994 CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.



Assinatura

30/03/2024

Data

Ana Carolina Lydia Ferreira da Silva

**Transicionando a Educação: O PreparaNem Niterói como espaço de formação,
resistência e afetos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 25 de abril de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Denize Sepulveda

Faculdade de Formação de Professores— UERJ

Prof.^a Dra. Jaqueline Gomes de Jesus

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — UFRRJ

Prof.^a Dra. Rosimeri de Oliveira Dias

Faculdade de Formação de Professores — UERJ

Bruna Benevides

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas travestis que dedicaram suas vidas para que hoje eu pudesse estar falando sobre suas contribuições para uma sociedade com mais respeito, liberdade e justiça.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade do Estado do Rio de Janeiro e à Faculdade de Formação de Professores pela oportunidade de contribuir para a formação docente desta professora. Agradeço a minha família que esteve ao meu lado em todos os momentos, inclusive me ajudando a enfrentar a solidão do isolamento da pandemia. Agradeço também a Denize Sepulveda, orientadora deste trabalho, pela paciência e carinho ao cuidar desta pesquisa. Agradeço a Bruna Benevides que tem sido minha inspiração e exemplo de luta, coragem e perseverança, me dando conselhos, ensinando e permitindo que eu tivesse essa linda experiência chamada PreparaNem. Agradeço imensamente às minhas amigas e amigos que foram pacientes e generosos, gentis e parceiros durante a construção deste trabalho. Sem eles, isto não seria nem ao menos sonhado. Agradeço especialmente às pessoas que eu tenho contato nas salas de aula, pois são elas o motivo deste trabalho. É a possibilidade de contribuir para suas vidas que me motivou a não desistir nem de ensinar, nem de aprender, nem de escrever e nem de viver. Foram elas que me deram motivos para viver durante a pandemia. Aqui estão incluídas todas as pessoas que contribuíram diretamente para esta pesquisa e conversaram comigo sobre o PreparaNem nas suas vidas. Elas hoje são minhas amigas e pessoas que eu amo do fundo do coração. Mesmo que a gente não se veja mais todo dia porque elas estão na universidade e seguindo suas vidas, todo encontro é como se fosse ontem. Pessoas incríveis que são parte da minha vida de uma maneira linda. Finalmente, agradeço aquelas pessoas que atualmente estão comigo nas salas de aula, dividindo o cotidiano escolar, aprendendo e ensinando, se apaixonando pela Geografia, minha disciplina de formação e pelas ciências humanas. São elas que me motivam a estudar e estar sempre estudando e fazendo de tudo possível para criar um ambiente seguro e saudável para sua formação. Contribuir para o futuro é o que impulsiona nossas mentes a lutar todos os dias.

Nossa vingança será envelhecer

*Keila Simpson*¹

¹ Keila, você se tornou a primeira travesti Doutora Honoris Causa do Brasil em 2022, título outorgado de maneira unânime pelo Conselho da UERJ. Ativista do Movimento LGBT desde 1990. Líder da principal rede nacional que atua na defesa dos direitos humanos da população trans, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Foi vice-presidente da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT). Foi presidente do Conselho Nacional de Combate à Discriminação de LGBT em 2013, ano em que recebeu da então presidenta Dilma Rousseff o Prêmio Nacional de Direitos Humanos pelos relevantes serviços prestados à população LGBT do Brasil. Nos últimos anos, coordenou o Centro de **Promoção e Defesa**

RESUMO

SILVA, Ana Carolina Lydia Ferreira da. *Transicionando a Educação: O PreparaNem Niterói como espaço de formação, resistência e afetos*. 2023. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Esta pesquisa se debruça sobre as formas pelas quais o curso pré-vestibular PreparaNem Niterói ressignifica através do seu cotidiano os espaços de educação formais. Aqui analisamos os conceitos componentes da interseccionalidade e de que maneiras diferentes corpos vão sofrer violências no âmbito da escola, impactando diretamente sobre sua formação escolar e, posteriormente, acadêmica. Os processos de violência que geram a expulsão escolar das pessoas trans, oriundos desses espaços de formação, levam a muitas dificuldades ou traumas que precisam ser superados para dar possibilidades materiais de que essas pessoas possam ocupar todos os espaços sociais, principalmente as universidades e o mercado de trabalho. Dessa forma, esta dissertação enfatiza que as pessoas trans possam garantir que suas vozes, seus discursos e suas histórias sejam ouvidos e suas vidas ganhem materialidade e existência frente às violências do mundo que as invisibilizam. Assim, a experiência no PreparaNem influencia não somente aquelas pessoas que estão ali com o intuito de aprender, mas também a formação de professoras e professores, a prática docente e outros espaços afetados indiretamente. De que maneiras corpos abjetos ganham novamente atenção, dedicação e carinho? De que maneiras o PreparaNem Niterói contribui para a modificação da formação de docentes nas universidades e do cotidiano da própria universidade ao receber corpos diversos? Esta pesquisa tenta explicar de que maneiras a iniciativa faz história ao acontecer da forma que acontece.

Palavras-chave: PreparaNem; protagonismo travesti; movimento social.

ABSTRACT

SILVA, Ana Carolina Lydia Ferreira da. *Transitioning Education: PreparaNem Niterói as a space for training, resistance and affection*. 2023. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

This research focuses on the ways in which the PreparaNem Niterói pre-university course re-signifies formal education spaces through its daily life. Here we analyze the concepts of intersectionality and how different bodies will suffer violence within the school, directly impacting their school and, later, academic training. The processes of violence that led to the expulsion of trans people from school, originating from these training spaces, lead to many difficulties or traumas that need to be overcome in order to give material possibilities for these people to occupy all social spaces, especially universities and the market of work. In this way, this dissertation emphasizes that trans people can guarantee that their voices, their speeches and their stories are heard and their lives gain materiality and existence in the face of the violence in the world that makes them invisible. Thus, the experience at PreparaNem influences not only those people who are there with the intention of learning, but also the training of teachers, teaching practice and other reserved spaces. In what abject ways do they regain attention, dedication and affection? In what ways does PreparaNem Niterói contribute to changing the training of teachers at universities and the daily life of the university itself when it receives different bodies? This research tries to explain in what ways the initiative makes history when it happens the way it does.

Keywords: PrepareNem; trans people; reframe education.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	AQUENDA, QUE TÁ BABADO!	36
1.1	<i>“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes. É dar o troféu ao nosso algoz e fazer nós sumir”</i> – ser quem se é	37
2	“MENINOS TRAZEM REFRIGERANTE, MENINAS TRAZEM SALGADO”: A ESCOLA REPRODUZINDO O DISCURSO DA HETERONORMATIVIDADE	50
2.1	<i>“Meninas conversam e jogam queimado, meninos brincam de luta e de futebol”</i> – a divisão territorial da escola e a reafirmação nos espaços	52
2.2	<i>“Mudei de escola e de turno porque não podia contar pra minha família que eu sou gay. Fingi até poder sair de casa”</i> – a família e a escola e as violências durante a pandemia	57
2.3	<i>“Apanhei na escola e os professores sabiam e não faziam nada”</i> : a escola na dualidade entre acolhimento e violência	61
3	AS MANA, AS MINA, AS MONA, AS KIKIKI, AS GAY, AS TRANS E O CLOSE DE MILHÕES DO PREPARANEM COMO MOVIMENTO EDUCADOR	67
3.1	<i>“o prepara me ajudou a me conhecer melhor e conhecer outras pessoas como eu. O prepara me salvou”</i> – a experiência do Preparanem	73
	CONCLUSÕES	88
	REFERÊNCIAS	91

Figura 1 - Aula externa no Museu do Amanhã, 2019



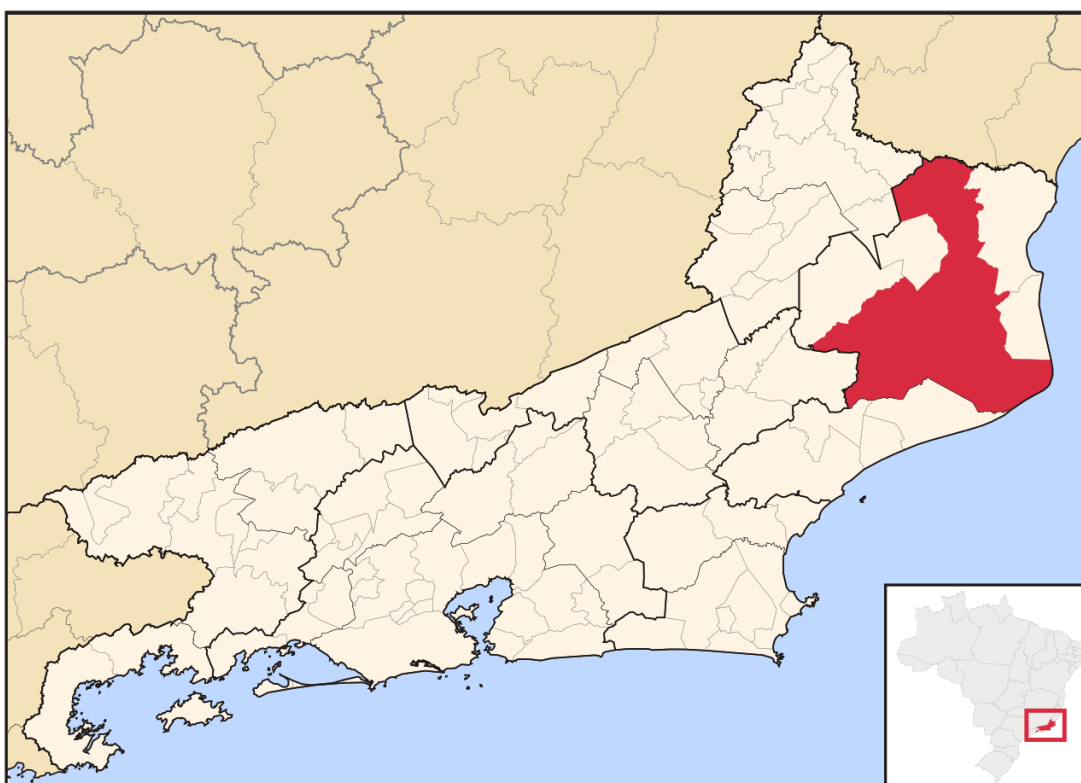
Fonte: Arquivo da autora

INTRODUÇÃO

Não consigo dizer com precisão quando as questões sociais me atingiram e criaram tanto incômodo. Eu vivi dentro de uma realidade, costumo dizer que muito diversa e colorida, que ao ser rompida me mostrou como o mundo não era tão bonito quanto o que foi construído em casa. Assim, acredito que seja importante a produção de uma escrita que evidencie a trilha que percorri, e de alguma forma ajude a quem aqui lê a ter uma compreensão um pouco melhor do porquê de ela ter acontecido.

Eu fui criada de forma muito humilde em bairros periféricos de uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes (figura 2). Fundada em 1677, Campos é conhecida pela sua participação na exploração do petróleo brasileiro, dividindo com Macaé o título de Capital Nacional do Petróleo. Com aproximadamente 500 mil habitantes, é o maior município do estado em extensão territorial e só fica atrás da capital no PIB e em área urbana.

Figura 2 - Cidade de Campos dos Goytacazes destacada dentro do estado do Rio de Janeiro



Fonte: Wikipédia.

Minha infância foi correndo pela rua, brincando com todas as crianças do condomínio onde morávamos e das ruas próximas. Fui criada de pé descalço e muitos machucados. Naquele contexto, o fato dos meus pais serem servidores públicos nos dava uma condição financeira mais estável que a de muitos dos nossos vizinhos, amigos e familiares, mesmo sendo difícil.

Na minha casa sempre tivemos muitas referências culturais, diversas, muita Música Popular Brasileira (MPB), muita arte, muito teatro. Cresci com referenciais que muitas crianças não têm. Muitos livros, muita música, muita brincadeira. Meu pai sempre foi um amante da cultura. Frequentávamos um centro espírita no qual fazíamos parte do grupo de teatro. Meu pai era cenógrafo, bonequeiro, diretor etc. Vivi muitos dias naquele espaço, naquelas coxias e um dia, por necessidade financeira, meu pai resolveu criar nossa própria companhia de teatro de bonecos para apresentar nas escolas da cidade.

Eu tinha apenas nove anos quando comecei a trabalhar com ele no contra turno escolar. Meu primeiro “grande” pagamento foi, aos 10 anos, algo em torno de 20 reais. Na maioria das vezes, eu ganhava alguns trocados que eram muito valiosos. Aquele “trabalho” me ensinou tantas coisas que eu carrego até hoje com grande estima.

Visitávamos escolas das mais diversas classes sociais, públicas e privadas, grandes e pequenas. Vivi histórias incríveis, conheci muita gente que também trabalhava no teatro e fizemos amigos de uma vida inteira. Uma vez, questionando o porquê de cobrar em escolas públicas (na época 25/50 centavos), meu pai explicou que era importante ensinar às pessoas valorizarem a cultura.

No mundo do teatro, eu conheci muitas pessoas. Pessoas diversas que à época eu só entendia como “vivendo diferente”. O teatro, talvez, tenha se mostrado o lugar seguro para que elas demonstrassem suas identidades sem medo (ou menos medo). Na minha casa nunca houve distinção, nem comentários. Lembro de pouquíssimas vezes minhas tias falarem algo sobre alguém e serem reprimidas com “cada um vive sua vida como quiser”.

Uma vez ao perguntar sobre um certo amigo do meu pai que tinha, para mim, jeito de gay², mas era casado, meu pai me respondeu “a vida dele não é da sua conta, ele é casado, o jeito dele não tem nada de diferente”. Acho que cada resposta

² Palavra de origem inglesa, incorporada em outras línguas, utilizada para designar homens homossexuais (SEPULVEDA; CORREA; FREIRE (2021 p. 18).

atravessada do meu pai às minhas perguntas foram criando um ambiente muito livre de alguns tipos de rótulos.

Nós tínhamos um amigo que trabalhava em eventos como *drag queen*, a Laysa Lisa (Figura 3). David era querido demais, fazia muito sucesso com suas personagens, todas as pessoas queriam contratar ele para os eventos. Pessoa incrível, de uma energia ímpar. Assassinado brutalmente pela homofobia³. Chorei semanas pela perda do nosso amigo. Não conseguia acreditar nem admitir a violência envolvida naquele episódio.

Figura 3 - Laysa Lisa dando o pontapé inicial em jogo de futebol de praia pela prefeitura de Campos dos Goytacazes



³ Homofobia é um termo usado para designar uma forma de preconceito e aversão às homossexualidades em geral, apresentando-se como uma série de atitudes e sentimentos negativos (aversão, desprezo, ódio ou medo) para com essas pessoas. Esses sentimentos têm gerado práticas de discriminação e perseguição, assim como crimes, entre eles homicídios (SEPULVEDA. 2012, p. 19)

Apesar dessa vida cercada de com múltiplas formas de existir (e de resistir), eu sabia muito pouco sobre sexualidade⁴, não era uma conversa cotidiana, apesar de minha mãe e pai nunca terem impedido conversa sobre. Para mim, não havia questionamento. Até a adolescência os diálogos envolvendo sexualidade giravam em torno sobre me apaixonar e sofrer por amor.

Eu passei grande parte da adolescência em conflito entre a liberdade dada em casa para ser quem quisesse e as diversas formas de opressão que a sociedade impõe às meninas. Enquanto eu queria me vestir de camisa, bermuda e tênis, havia a pressão das amigas da escola a ser mais “feminina”, a ser vaidosa para ser desejada e arrumar namorado. No Ensino Médio, conheci outras meninas da escola que gostavam de se vestir como eu, então consegui criar meu círculo de amizades.

Na escolha da primeira carreira, eu só pensava em sair daquela pequena cidade que na minha cabeça não me comportava. Não aguentava aquele ambiente provinciano, o tratamento pelos sobrenomes, e o “você é filho de quem?”. Eu queria mais. E assim eu fiz, mudando para cursar o sonhado Jornalismo na Universidade Federal Fluminense, em Niterói.

A graduação em Jornalismo me trouxe muitas coisas, mas tudo mudou quando, depois da formatura, eu fui chamada de volta ao teatro, como educadora social do Centro Juvenil Oratório Mamãe Margarida, da Rede Salesiana de Assistência Social. O Oratório atendia crianças e adolescentes de 08 a 17 anos em situação de vulnerabilidade social de diversas favelas de Niterói e São Gonçalo (figura 4). Acredito que meu trabalho no Oratório tenha sido o grande divisor de águas na minha vida.

⁴ A sexualidade humana é compreendida como o conjunto de comportamentos, desejos e necessidades de satisfação sexual. A sexualidade está presente na vida do nascimento à morte. Ela pode se modificar a partir das experiências vividas. Sendo assim, ela não é fixa e sim fluida, dinâmica e plural. Portanto, os desejos e atrações sexuais podem variar de acordo com as maneiras como nos permitimos experienciá-las (SEPULVEDA; CORREA; FREIRE 2021 p. 6),

Figura 4 - Apresentação de teatro com o espetáculo O Grande Circo Místico, uma adaptação da obra homônima com as crianças e adolescentes do Oratório



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No Oratório, eu tive que lidar com realidades que me chocaram e me fizeram repensar o meu modo de ver e viver (n)o mundo. Claro que a universidade já tinha feito isso, mas não com a violência que aquele cotidiano provocou. Meus colegas de curso eram de classes sociais muito mais abastadas e a diversidade nunca se apresentou para mim de forma tão contundente. A universidade pública ainda não havia passado pelas reformas de implementação do sistema de cotas e ainda apresentava um alunado bastante elitista⁵.

As cotas raciais são ações afirmativas aplicadas em alguns países, como o Brasil, a fim de diminuir as disparidades econômicas, sociais e educacionais entre pessoas de diferentes etnias raciais. Segundo Piovesan (2005)

As ações afirmativas, como políticas compensatórias adotadas para aliviar e remediar as condições resultantes de um passado de discriminação, cumprem uma finalidade pública decisiva para o projeto democrático: assegurar a diversidade e a pluralidade social. Constituem medidas concretas que viabilizam o direito à igualdade, com a crença de que a igualdade deve moldar-se no respeito à diferença e à diversidade. Por meio delas transita-se da igualdade formal para a igualdade material e substantiva. (p.49)

A graduação em Jornalismo me apresentou diversas novas realidades. Eu ficava encantada por aquelas pessoas que haviam lido clássicos da literatura mundial, grandes autores, sabiam nomes de diretores de cinema. Toda aquela atmosfera *cult*, as conversas sobre fotografia, filosofia, cinema, jornalismo, tudo era novo e apaixonante. Não curiosamente, as pessoas que possuíam maior quantidade

⁵ Na análise de Bottomore (1974, p. 15), a noção geral de elite designa os grupos funcionais ocupacionais que “possuem um status elevado (por uma razão qualquer) em uma sociedade”.

de leitura, informação, conseguiam as melhores vagas de estágio e de aproveitamento do curso.

Apesar de ter vivido no teatro e, como trouxe no início deste texto, rodeada de cultura, eu havia sido criada com cultura popular, música popular, livros de histórias infantis, parábolas e literatura. Para a universidade, e todas aquelas pessoas que acessavam, aquilo era frugal. Bourdieu (2015) vai abordar a importância do que ele chama de *capital cultural* no êxito do aproveitamento escolar, na perspectiva de futuro, no interesse a acessar cultura erudita e como o acesso a ela vai ser visto com um indicador de boa educação e bom gosto e, diversas vezes, associado ao sucesso.

Ressalto três passagens nas quais Bourdieu (1966) explicita a importância do capital cultural no percurso formativo do sujeito.

Se os membros das classes populares e médias tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como em outros, as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível (p. 52).

[...]

Mais profundamente, porém, é porque o desejo razoável de ascensão através da escola não pode existir enquanto as chances objetivas de êxito forem ínfimas, que os operários – embora ignorando completamente a estatística objetiva que estabelece que um filho de operário tem duas chances em cem de chegar ao ensino superior – regulam seu comportamento objetivamente pela estimativa empírica dessas esperanças objetivas, comuns a todos os indivíduos de sua categoria (p. 53).

[...]

A seleção que eles sofrem é desigualmente severa, a que as vantagens e desvantagens sociais são convertidas em vantagens e desvantagens escolares pelo jogo das orientações precoces, que diretamente ligadas à origem social, substituem e redobram a influência desta última (p. 57).

Algumas coisas foram muito importantes a partir de minha passagem pelo Oratório: minhas turmas eram mistas de idades, eu atendia crianças e adolescentes no mesmo espaço. Isso me fez ter que pensar em estratégias para falar com essas pessoas de forma mais ampla possível. Eu tive que aprender a calar e ouvir. Vi e ouvi episódios tão graves de vulnerabilidade que passava dias em choque, chorando e preocupada, tentando fazer algo que pudesse mudar.

A partir das estratégias por mim desenvolvidas, fui criando formas de trabalhos não padronizadas e de modos de conviver com as crianças do Oratório. Segundo Foucault (2009) as estratégias são formas de lutas e vão ser fundamentais para que aquelas pessoas que estão na sala de aula se apossam das ferramentas que estão ali dispostas. A estratégia é senão aquilo

[...] que transforma os indivíduos em sujeitos. Há dois sentidos para a palavra "sujeito": sujeito submetido a outro pelo controle e a dependência e sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si. Nos dois casos a palavra sugere uma forma de poder que subjuga e submete. De uma forma geral, pode-se dizer que há três tipos de lutas: a) aquelas que se opõem às formas de dominação (étnicas, sociais e religiosas); b) aquelas que denunciam as formas de exploração que separam o indivíduo daquilo que produz; c) e aquelas que combatem tudo o que liga o indivíduo a ele mesmo e asseguram assim a submissão aos outros (lutas contra a sujeição, contra as diversas formas de subjetividade e de submissão) (FOUCAULT, 2009, p. 5).

Um dia depois de saber que algumas pessoas estavam fazendo suas necessidades fora do vaso sanitário, resolvi fazer um exercício e perguntar sobre acesso a banheiros nas casas e sobre higiene pessoal de cada um. Para minha surpresa, mais de 60% não tinha banheiro em casa, faziam suas necessidades em baldes ou sacolas e jogavam fora.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020⁶) 2,8% da população brasileira, ou seja, 5,7 milhões não têm acesso a um banheiro exclusivo, muitos deles usam um buraco no chão para fazer suas necessidades fisiológicas.

Outro episódio que me assustou, foi saber que uma das nossas educandas não tomava banho direito, pois havia sofrido abusos sexuais no abrigo onde tinha vivido e não conseguia mais tomar banho. Sentia medo de ser abusada novamente em casa vivendo com a avó. Eu chorei muito quando soube da sua história.

São muitas as histórias que poderia contar sobre essa minha experiência, aqui vou me ater a dizer que esses episódios me mostraram o quanto eu era privilegiada e mudaram minha vida. Eu passei a questionar e criticar quase tudo que eu via. Depois da minha experiência no Oratório, minhas leituras se voltaram ao racismo, vulnerabilidade social, problemas de aprendizado etc. Tentar entender a realidade e a base conceitual daquilo me motivavam a estudar cada vez mais e a me envolver na ação social.

Formada em Jornalismo desde 2009, não consegui inserção no mercado de trabalho ao terminar o curso. Em 2013, decidi retomar minha vida acadêmica e em 2014 fui aprovada para Geografia, novamente na Universidade Federal Fluminense

⁶ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/24786-pesquisa-de-orcamentos-familiares-2.html?=&t=resultados> Acesso em: 14/12/2022.

(UFF). Diferente de 2004, a universidade havia mudado com o Enem⁷, SiSU⁸ e REUNI⁹. Eu tinha colegas de curso das mais diversas origens, formações escolares e políticas. O curso de Geografia aparentava ser muito mais crítico, envolvido politicamente e isso me atraiu a fazer parte deste mundo.

Em 2016, fui convidada para dar aula em um curso pré-vestibular social que acontecia na UFF. Turmas de até cem alunas e alunos que buscavam uma forma de ingressar na universidade. Pessoas que atestavam vulnerabilidade social, vindas de escolas públicas e que iriam enfrentar o tão temido exame nacional. Em junho, cheguei a um curso pré-vestibular que por um anúncio pedia professoras e professores de diversas disciplinas para um curso que atendia pessoas LGBTQIA+¹⁰ chamado PreparaNem.

⁷ O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. Em 2009, o exame aperfeiçoou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior. Desde 2020, o participante pode escolher entre fazer o exame impresso ou o Enem Digital, com provas aplicadas em computadores, em locais de prova definidos pelo Inep. As notas do Enem podem ser usadas para acesso ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e ao Programa Universidade para Todos (ProUni). Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>. Acesso em: 10/09/2021.

⁸ O Sisu (Sistema de Seleção Unificada) é o sistema informatizado do Ministério da Educação, no qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Os candidatos com melhor classificação são selecionados, de acordo com suas notas no exame. Disponível em: <https://sisu.mec.gov.br/#/>. Acesso em: 10/09/2021.

⁹ O Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e é uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Com ele, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior, criando condições para que as universidades federais promovessem a sua expansão física, acadêmica e pedagógica. O ingresso nas universidades acontece através do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), que utiliza a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para avaliar as competências e habilidades dos inscritos. A partir de 2009 esse dispositivo é usado como ingresso nas universidades e passa a influenciar os currículos do Ensino Médio (EM). Através do SiSU, o aluno pode se candidatar a uma vaga em qualquer universidade pública do país, uma vez que ela esteja no rol do sistema. Além do ingresso nas universidades públicas, a nota do ENEM é utilizada pelo Programa Universidade para Todos (ProUni) que oferece bolsas pelo Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) possibilitando, assim, o ingresso em universidades particulares. O uso do ENEM para o ProUni é anterior, de 2004, ano da criação do programa no governo do Luiz Inácio Lula da Silva. Além da sua ampla utilização, passou a servir até 2017 como certificação de conclusão do ensino médio em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), antigo supletivo, substituindo o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA).

¹⁰ Existem muitas discussões na comunidade LGBTQIA+ e novos grupos foram incluídos a sigla LGBT. A cada novo debate são propostas novas inclusões e há quem diga que o acrônimo logo poderá ser substituído por “movimento da diversidade sexual”, uma vez que existem muitos grupos e a cada nova letra, há o desafio de explicar à sociedade o que ela representa. A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais (ABGLT) usa o LGBTI+, porém, outros grupos preferem adotar LGBTQ+ ou LGBTQIA+, todos estando corretos. As letras significam: Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, queer, intersexuais, assexuais, e o representa os outros grupos como pansexuais, familiares e amigos (aliados da comunidade), 2 (two-spirit) e polissexuais.

O “Prepara, Nem!” é um curso pré-vestibular social que surgiu sob esse nome em 2015, no Rio de Janeiro, em uma proposta de quatro pessoas, sendo três delas travestis, para criar possibilidades de acesso da população travesti e transexual à universidade através do ENEM. Em Niterói, ele surge na sede do Grupo Diversidade Niterói (GDN) 2016, atendendo pessoas em situação de vulnerabilidade social, com foco em travestis e transexuais, o projeto vai além de fornecer formação, mas se configura num espaço de resistência.

A importância desses espaços se mostra cada vez mais importante como aponta York¹¹ (2020) pela

[...] ausência das trans e travestis (em espaços sociais diversos, mas também) nas salas de aula, nas bibliotecas, secretarias, apoio: raríssimas em cursos das ciências exatas e quase inexistentes, tanto nos cursos de pós-doutoramento, quanto nas salas dos cursos de medicina. Ampliar a possibilidade para o acesso ao direito constitucional (e humano) à educação, como ocorre hoje em alguns programas de pós-graduação engajados e empenhados em responder ao conjunto de desafios (pro)postos para avançarmos no plano do conhecimento, das práticas e relações sociais, faz-se urgente não apenas para a população trans, mas, definitivamente, para enfrentar a crise democrática e institucional que vivemos. (p.19)

Depois de mandar meu currículo para o curso “PreparaNem” e de ser selecionada, tivemos um encontro geral marcado na sede do GDN e a responsável pelo curso em Niterói, Bruna Benevides, explicava do que se tratava o projeto e como ele iria funcionar. Na sala não estavam só aquelas pessoas que se colocaram à disposição para serem professoras, mas todas as pessoas inscritas no projeto. Pessoas das mais diversas formações acadêmicas e sociais, de diversas etnias e religiões, sexualidades e expressões de gênero.

A Bruna (Figura 5) é responsável pelo PreparaNem em Niterói e é reconhecida pela sua luta contra a violência da população transexual no Brasil, a partir da sua própria experiência como Sargenta da Marinha do Brasil. Também é responsável pela elaboração do dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) sendo um expoente e uma das minhas inspiradoras desta pesquisa.

¹¹ Sara Wagner York ou Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior é graduada em Letras - Inglês (UNESA), Pedagogia (UERJ) e vernáculos (UNESA), especialista em Gênero e Sexualidades (IMS/CLAM/UERJ), mestre em educação (UERJ) e doutoranda em Formação de Professoras/es (UERJ), pai, avó, pesquisadora e professora, a travesti da/na Educação. Professora, ativista LGBTI+, formadora de atores, linguista, tradutora, pedagoga e pesquisadora. Palestrante de temas complexos (religião, sexualidades, infância, educação e cotidiano)

Figura 5 - Mesa da aula inaugural PreparaNem 2019



Nota: Da esquerda para a direita, Felipe Carvalho (presidente da CODIR/Niterói, Bruna Benevides (coordenadora do PreparaNem), Théo Souza (ex-aluno, criador de conteúdo digital do Portal Trans BR) e eu, Carol Lydia (professora do PreparaNem).

Depois da explanação dela sobre como funcionaria o curso, ficamos conversando entre as áreas para tentar fechar como faríamos para tantas pessoas darem aulas juntas, ou ao menos, cooperativamente. Uma das falas de uma professora me chamou atenção sobre a expulsão das pessoas transexuais da escola. A violência sofrida. E ali, o que restava da minha bolha foi esgarçada. Como a escola poderia expulsar alguém só por ser quem é? Isso ultrapassava todas as minhas experiências escolares, todas as minhas experiências de trabalho.

Ao chegar em casa pesquisei muito sobre tudo aquilo. Infelizmente, em 2016, eu não consegui compor o corpo docente de Geografia, eu tinha muitas demandas de trabalho e do curso e não daria conta dos tempos de aula. Minha missão era conseguir levar mais pessoas para aquele projeto para que elas pudessem contribuir e talvez mudassem seu ponto de vista também.

Aqui compartilho as palavras de bell hooks (2017) que me contemplam quando diz que

Quando entrei pela primeira vez na sala de aula multicultural e multiétnica, eu estava despreparada. Não sabia como lidar eficazmente com tanta “diferença”. Apesar da política progressista e do meu envolvimento profundo com o movimento feminista, eu nunca havia sido obrigada a trabalhar num contexto *verdadeiramente* diverso e não tinha as habilidades necessárias. (p. 58)

Em 2017, assumi a frente do grupo de Geografia no PreparaNem. Outras pessoas que tinham ficado responsáveis não poderiam fazê-lo de forma plena. Assim, tentamos dar aulas juntas, mas encontrava sempre resistência das pessoas em dar aula em grupo, ou em dupla. Talvez já o primeiro indício (GINZBURG, 1989) que a universidade não ensinava a quem ensinava a dividir o saber, a palavra, o conhecimento. bell hooks (2017) enfatiza a importância da solidariedade profissional e política entre professoras e professores no que diz respeito ao ensinar e o aprender.

(....) Quando eu estava saindo da conferência, rodeada pelos alunos, Ron se aproximou e partilhou seus pensamentos sobre minhas ideias. Esse foi o começo de um intenso intercâmbio crítico sobre o ensinar, o escrever, as ideias e a vida. Queria incluir aqui esse diálogo porque ocupamos posições diferentes. Embora Ron seja branco e do sexo masculino (duas posições que lhe conferem poderes e privilégios específicos), tenho lecionado principalmente em instituições particulares (consideradas mais prestigiadas que as instituições estatais onde nós dois lecionamos atualmente). Tenho grau hierárquico mais alto e tenho mais prestígio. Ambos somos de origem trabalhadora. Ele tem suas raízes na cidade, eu tenho as minhas na América Rural. A compreensão e apreciação de nossas diferentes posições foram estruturas necessárias para a construção da solidariedade profissional e política entre nós, bem como para a criação de um espaço de confiança emocional onde possam ser alimentadas a intimidade e a mútua consideração. (hooks, 2017, p. 176)

É importante dizer que no ano de 2020 o mundo foi assombrado pela pandemia da Covid-19¹². Por esse motivo em março de 2020 o Brasil declarou o isolamento social, por isso as aulas da educação básica e do ensino superior deixaram de ser presenciais e passaram a ser remotas.

¹² Em 31 de dezembro de 2019, o escritório da Organização Mundial de Saúde na China foi informado sobre casos de pneumonia de causa desconhecida, detectada na cidade de Wuhan, na província de Hubei. Entre 31 de dezembro de 2019 e 3 de janeiro de 2020, um total de 44 pacientes foram notificados. Em 7 de janeiro de 2020 as autoridades chinesas identificaram em exames laboratoriais que a causa era um novo tipo de coronavírus. A COVID-19 é uma doença causada pelo novo tipo de coronavírus que leva o nome de SARS-CoV-2. Ele pertence à família de vírus de mesmo nome que causa infecções respiratórias. O vírus tem esse nome porque seu formato, quando observado em microscópio, se assemelha a uma coroa. Disponível em: <https://coronavirus.rs.gov.br/o-que-e> . Acesso em: 19/12/2022.

No PreparaNem, durante o tempo que nós estivemos presenciais, eu percebia o que o seu espaço físico era diferente. As pessoas iam cedo para o GDN dormir, estudar, conversar. Muitas vezes nossas aulas eram uma grande discussão dos assuntos políticos do momento (naquele momento vivíamos o golpe na presidenta Dilma Rousseff, o novo governo do presidente Temer, assinatura da reforma do Ensino Médio, reforma da previdência e a PEC do fim do mundo e para o nosso maior desespero a eleição do ex-presidente¹³).

Tempos sombrios estes em que vivemos, tempos em que o que há de pior na política depõe a presidente da República para impor a uma nação inteira quase cem anos de retrocessos. Somente um golpe é capaz de conduzir o país a tamanho atraso. Assistimos atônitos, à luz do dia, a movimentos rumo ao desmonte do Estado. Proposta de privatização do patrimônio público e desvinculação constitucional dos gastos sociais obrigatórios visam instituir um Estado mínimo no Brasil, com todos os prejuízos que isso traz para as políticas públicas de proteção social. Vivemos um golpe contra o povo trabalhador. Uma reforma da previdência elevando a idade mínima para aposentadoria e desvinculando o piso previdenciário do salário mínimo. Uma reforma trabalhista que aprova a prevalência do negociado sobre o legislado, transformando, em questão de tempo, o fim dos direitos consagrados na Consolidação das leis do Trabalho (CLT). (COSTA, 2016, p. 9)

Nessas aulas, muitos conteúdos da Geografia eram abordados, tantas questões sociais, formativas, filosóficas, históricas que pareciam (e foram) mais produtivas que aquelas planejadas dentro de um esquema. Além disso, aquelas pessoas me traziam questionamentos muito diferentes, dentro das suas percepções do mundo, sobre as questões que eu trazia que me obrigavam a mudar meus referenciais, buscar novas autoras, novos trabalhos, novas formas de abordagem.

Neste contexto, ficava claro que a formação obtida na universidade estava incompleta. Incompleta por reproduzir o discurso padrão, heteronormativo¹⁴, hegemônico, branco, eurocêntrico e, em sua maioria, masculino. Disciplinas e leituras que fogem do padrão são poucas. São escassas nas universidades as discussões sobre como se desenvolvem as diferentes formas de resistência que acontecem cada vez mais nos cotidianos sociais, simultaneamente a presença cada vez maior de corpos diferentes que exigem rediscutir os padrões e as formas de produção acadêmica.

Apesar de o multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões

¹³ Estou me referindo ao Presidente Jair Bolsonaro que foi eleito no ano de 2018.

¹⁴ Este conceito será explicado mais a frente nesta pesquisa.

práticas suficientes acerca de como o contexto de sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para que os esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores - em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade -, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas e universidades onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. (...) (hooks, p. 2017, p. 51)

Para Foucault (1988) resistir é uma maneira de força que os sujeitos possuem para participar de relações não calculadas pelas estratégias que estão presentes no campo político. É a capacidade que temos de resistir as várias formas de poder que tentam nos controlar e é inseparável das possibilidades de mudanças que podemos alcançar.

Resistir é, neste aspecto, o oposto de reagir. Quando reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós; mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir é, neste aspecto, sinônimo de criar. Sendo assim, a resistência é, para Foucault, uma atividade da força que se subtrai das estratégias efetuadas pelas relações de forças do campo do poder. Esta atividade permite a força entrar em relação com outras forças oriundas de um lado de fora do poder (FOUCAULT, 1988). Forças do devir, da mudança, que apontam para o novo e engendram possibilidades de vida. (MACIEL JÚNIOR, 2014, p. 2).

Uma coisa especial do PreparaNem é que o espaço da sala não é igual ao dos cursos pré-vestibulares, as pessoas não têm lugares “marcados” e podem se sentar em qualquer lugar (até mesmo no chão, deitar-se, recostar etc.) e as carteiras escolares foram trocadas por um grande sofá de pallet (Figura 6) (que ainda receberá almofadas). Isso transforma o ambiente em um espaço mais acolhedor e com menos barreiras simbólicas sobre quem fala e quem ouve, quem ensina e quem aprende.

Figura 6 - Sala de aula do PreparaNem e atividade de Geografia em grupo sobre climatologia. O sofá de pallet comentado no texto ao fundo do lado esquerdo



Fonte: acervo pessoal da autora.

Como Paulo Freire (1997) de forma rica trazia nas suas “Cartas a quem ousa ensinar” sobre o complexo movimento ensinar-aprender, como sendo indissociáveis. O ambiente do PreparaNem é a prática da obra freiriana da forma mais genuína. O ensino-aprendizado acontece na troca. Como diz o autor

É que não existe *ensinar* sem *aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.

[...]

Mas agora, ao ensinar, não como um *burocrata da mente*, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às *adivinhações* dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criticidade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende também ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. (p.19)

No PreparaNem, tive cada vez mais a certeza de como a formação docente que reforça o papel de “deus” da figura do professor afeta nossa construção de conhecimento e busca de saber. Com as perguntas e meu novo olhar sobre os

assuntos, passei a ter cada vez mais consciência do quanto faltava a mim conhecimento, sabedoria e precisava ampliar minha formação. Sobre isso Freire (1997) também comenta que

Um dos equívocos da educadora, gerado no seu sentimento de autoestima exorbitante que a faz pouco humilde, seria sentir-se ferida pela conduta dos educandos por não admitir que ninguém possa duvidar dela.

Humildemente, pelo contrário, é bom admitir que somos todos seres humanos, por isso, inacabados. Não somos perfeitos e infalíveis.

[...]

E eu não me desdisse. É que não me ofendo se me põem à prova. Não me sinto infalível. Me sei inconcluso. O que me irrita é a deslealdade. É a crítica infundada. É a falta de ética nas acusações. (p.55)

Como diversas pessoas frequentam este espaço (Figura 7a e b) e ele se forma como um exercício de liberdade de ser, vemos que as pessoas se sentem cada vez mais confortáveis, com o passar do tempo, de serem elas mesmas: nome, roupas, profissão, trabalho etc. Tudo é respeitado e faz parte do que elas são e da sua importância para o projeto. Falarei mais sobre as pessoas e o espaço do Prepara no último capítulo deste trabalho.

Figura 7a - Pessoas que fazem parte do PreparaNem em comemoração ao fim do ano de 2019



Fonte: acervo da autora.

Figura 7b - Alinhamento com professoras e professores acolhimento da turma 2019



Fonte: Página do PreparaNem no facebook.

Seguramente, até aqui, essas diversas experiências só puderam modificar a mim e a minha prática e as demais pessoas que fazem parte desse projeto porque existe uma vontade, interesse.

A prática pedagógica sempre está marcada pela reflexão da professora e do professor sobre suas experiências, e é preciso considerar que professores diferentes vão imprimindo marcas diferentes ao processo reflexivo. A reflexão em si não solucionará os problemas, mas pode dar uma significativa contribuição para o encaminhamento de práticas emancipatórias e sobre o estudo da exclusão escolar, tema relevante neste trabalho. (SEPULVEDA, 2012, p. 46)

Talvez outras pessoas tenham circulado neste espaço (e nos outros que estive) e não tenham sido motivadas a mudar suas percepções. Nisto, Guacira Lopes Louro (1997) traz uma importante reflexão

Se existe algo que pode ser comum a essas iniciativas talvez seja a atitude de observação e de questionamento — tanto para com os indícios das desigualdades como para com as desestabilizações que eventualmente estão ocorrendo. Esse "afinamento" da sensibilidade (para observar e questionar) talvez seja a conquista fundamental para a qual cada um/uma e todos/as precisaríamos nos voltar. Sensibilidade que supõe informação, conhecimento e desejo e disposição política. As desigualdades só poderão ser percebidas — e desestabilizadas e subvertidas — na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução. Isso

implica operar com base nas próprias experiências pessoais e coletivas, mas também, necessariamente, operar com apoio nas análises e construções teóricas que estão sendo realizadas. (p.121)

Dentro de todo esse cenário, a quantidade de alunos e alunas que o PreparaNem conseguia aprovar no Enem começou a chamar a atenção. Não que tivéssemos muitas pessoas, mas a maioria das que estavam conosco durante o ano conseguiam sua vaga na universidade no ano seguinte. Nas nossas conversas durante as aulas e os cafés, muitas relatavam que tinham voltado a gostar de estudar, que no PreparaNem era “legal aprender”.

E, mesmo que na minha prática, eu já estivesse trazendo atividades lúdicas e falasse sobre o quão incrível era estudar e aprender, eu não entendia exatamente o significado daquilo para aquelas pessoas.

(...) o papel do lúdico é fundamental, pois por meio de jogos, brinquedos e brincadeiras se perpassa pela experiência, a compreensão das múltiplas relações que o brincar proporciona aos indivíduos em seus processos de *ensinoaprendizado*. (...) Através do lúdico, os sujeitos sociais têm a oportunidade de sentir alegria, prazer e ânimo. Citando Luckesi (2007, p.15), o lúdico é um estado interno do/a sujeito/a e ludicidade é uma denominação geral para esse estado, “estado de ludicidade”. Assim sendo, o conceito de lúdico reside na ideia do prazer. Prazer vem do latim, *placere*, que quer dizer uma sensação de bem-estar. O lúdico é dotado de sentidos e significados para os sujeitos. Uma educação voltada para o universo lúdico permite aprendizagens carregadas de valor, observando as especificidades dos sujeitos. (BISPO, 2019, p. 33)

Depois de um tempo conversando com Bruna Benevides, coordenadora do curso, em um dos nossos encontros de organização do curso, ela comentou sobre a expulsão escolar¹⁵ que a maioria ali havia sofrido.

Ela apontou os problemas da escola, desde a sua arquitetura até suas práticas cotidianas. Algo que nunca me alcançaria se não tivesse estado no PreparaNem. A partir da perspectiva que fui desenvolvendo pude perceber que essa instituição, na maioria das vezes, representou acolhimento, amizade, carinho e afetos.

Não romantizo aqui minha vida escolar. Estando bolsista em escolas de classe média, por não estar conforme os padrões, eu sofri *bullying*, mas nada que me impulsionasse a querer sair da escola. Claro que outras pessoas que estudaram comigo passaram por situações mais sérias, diversas delas relacionadas ao seu comportamento fora do padrão heteronormativo.

¹⁵ O conceito virá abordado de forma mais profunda no segundo capítulo.

Acosta aponta que (2019)

Reconhece-se, assim, que a escola produz, marca e penaliza os corpos abjetos¹⁶ ao mesmo tempo em que reproduz os valores moralmente aceitos mesmo que, para isso, exclua aqueles corpos que escapam. Essas micropenalidades, muitas vezes imperceptíveis, têm fundamental importância na produção e manutenção dos comportamentos corretos e evidênciação dos dissidentes. (p.77)

Diante desta realidade, fiquei me questionando primeiramente como seria possível então fazer que o espaço formativo fosse novamente considerado lugar de acolhimento e de construção de um saber que se interesse pelas pessoas excluídas ditas minorias, diferentes?

Nesse momento, acho necessário fazer uma análise sobre o conceito de diferença –, pois este está baseado na normalização antidiferencialista proposto pela modernidade capitalista –, no qual a afirmação da diferença recai quase sempre em reconhecimento de desigualdade por articulação vertical, onde a diferença acaba não sendo reconhecida em sua especificidade e, portanto, as legislações versam por direitos iguais e esquecem que as diferenças devem ser respeitadas. Pessoas consideradas como minorias possuem necessidades diferentes das pessoas que estão no poder, portanto, precisam que as legislações reconheçam essa diferença, pois muitas vezes o princípio de igualdade descaracteriza suas diferenças (SEPULVEDA, 2012, p. 81).

Em segundo lugar passei a indagar a partir de que relações, sejam elas espaciais ou sociais, do PreparaNem é possível romper com a heteronormatividade, subvertendo a lógica vigente e permitir às pessoas LGBTQIA+ uma vida habitável? Será que outras pessoas seriam provocadas a repensar suas práticas docentes a partir deste espaço? É possível pensar em uma formação de professores mais humanizada e humanizante para todas as pessoas?

Diante de tantos questionamentos, cada vez mais me surpreendia que não havia trabalhos acadêmicos ou interesse de fato na importância que o PreparaNem (e outros cursos de atendimento à população LGBTQIA+) produzem para o contexto social ou educacional. Neste momento, incentivada pela minha orientadora do trabalho de conclusão de curso da graduação em Geografia, procurei escrever sobre o curso e todas as dúvidas. Como num trabalho de final de curso de graduação não há tempo suficiente para desenvolver um trabalho mais profundo, levei essa temática para o curso de Mestrado.

¹⁶ “Os corpos abjetos não são o outro, tão pouco o relativo ou o inessencial. São os corpos que não podem existir e que não fazem sentido em uma determinada matriz cultural. Eles circulam e se transformam na existência e na experiência de cada sujeito, que desesperadamente tenta se apoiar em suas balizas identitárias. Os corpos abjetos são a exceção que estão dentro e, ao mesmo tempo, fora da cultura que ambiciona ser universal” (PORTO, 2016. p. 162).

Ao ingressar no programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais da UERJ/FFP em 2020 esperava muitas coisas, mas a última é que o planeta seria atingindo por uma pandemia global que confinaria toda população (consciente) e nos isolaria dentro das nossas casas. Fazer um curso à distância não estava em nenhum dos meus planos, mas foi o que aconteceu, já que todas as disciplinas por mim cursadas foram ministradas de maneira remota. Eu sou dos encontros, do contato, do afeto e da vida presencial. O home office quase me destruiu.

Fomos obrigados a nos adaptarmos a telas, *lives*, redes sociais e o isolamento social. Aparentemente, o isolamento deu a percepção de que todo o tempo do indivíduo não pertencia mais a ele. Estávamos em distanciamento, mas invadidos em todos os espaços e momentos por mensagens e solicitações de “coisas para ontem”.

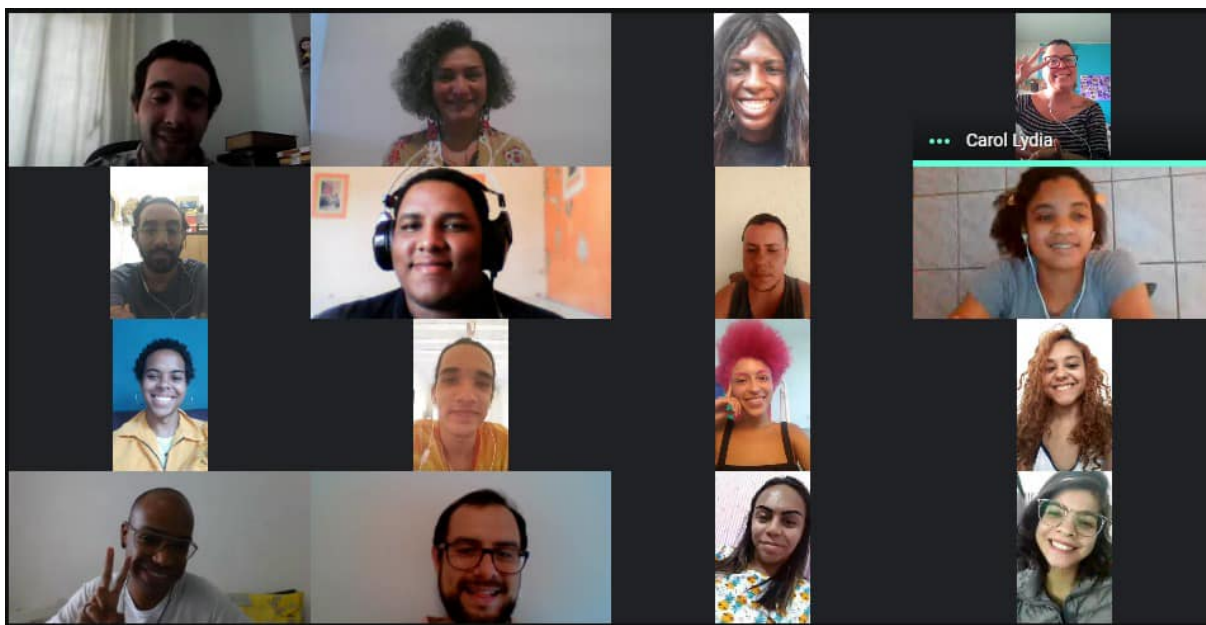
As escolas tiveram que desenhar novas formas de interagir com alunas e alunos que estavam em isolamento. Isso não aconteceu da mesma forma para todas instituições e nem na mesma velocidade. Escolas privadas seguiram com as aulas on-line e tiveram pouco tempo para adaptação ao modelo remoto. Escolas públicas precisaram esperar os direcionamentos do Estado para prosseguir.

Algumas estratégias de atividades remotas que foram desenvolvidas, no período da pandemia, foram importantes, e não devem ser descartadas como se todas tivessem sido ruins e necessitam ser investigadas a nível de pesquisa, mas o vínculo afetivo tecido entre professoras, professores e estudantes se deu de maneira diferente do que ocorre no ensino presencial e afetou os processos de ensinar e aprender.

A pandemia pegou a todos despreparados quanto ao modo de agir em diversos momentos. Nos processos educativos, não foi diferente. Porém, percebemos, pela quantidade de artigos que recebemos de diversos lugares do Brasil e também de outros países, que professores e professoras, gestores e gestoras, mesmo com pouquíssimo apoio das autoridades locais ou das autoridades federais, criaram redes de amizade e de solidariedade e inventaram muitos possíveis para continuar lutando por um mundo melhor para todos e todas e, sobretudo, buscaram afirmar a vida e a alegria nas escolas. A vida que insiste em perseverar. Afinal, muitos problemas educacionais foram apenas intensificados com a pandemia. “A volta do normal ou do novo normal” nunca coube à educação, pois muitas questões, que já eram pautas nas/das nossas lutas, apenas se acentuaram, tais como: os níveis de desigualdades educacionais, as inúmeras tentativas de privatização da educação pública, a padronização e regulação da educação. (SEPULVEDA & SILVA, 2022, p. 22)

Em julho de 2020, o Ministério da Educação anunciou as datas da prova do Enem e com isso, nos forçou a pensar estratégias para que o PreparaNem pudesse atender as pessoas que quisessem fazer a prova, mas como fazê-lo se estávamos em isolamento? O uso de plataformas online, e a possibilidade de atividades remotas foi o possível e o proposto em reunião geral (Figura 8, a e b).

Figura 8a - Reunião de acolhimento da turma de 2020



Fonte: Página do PreparaNem no Facebook. Acesso: <https://www.facebook.com/PreparanemNiteroi/>

Figura 8b - Chamada online para acolhimento da turma 2020



Fonte: Página do PreparaNem no facebook. Acesso:
<https://www.facebook.com/PreparanemNiteroi/>

Após uma chamada nas redes sociais (Figura 9), tínhamos as pessoas interessadas e tentamos manter uma regularidade de encontros semanais online que pudéssemos tentar dar as aulas e manter a unidade, o sentimento de turma etc. Nós sabíamos que esse vínculo é fundamental para a resistência da população LGBTQIA+. É no espaço do PreparaNem e nas aulas que muitas dessas pessoas têm pela primeira vez ou única vez no dia alguém para ouvi-las e que dá materialidade a sua existência.

Figura 9 - Chamada para a turma 2020 nas redes sociais antes da pandemia e do isolamento ter sido estabelecido



Fonte: Página do PreparaNem no facebook. Acesso: <https://www.facebook.com/PreparanemNiteroi/>

Mas se o PreparaNem atende a população em situação de vulnerabilidade social, a quantidade de ferramentas necessárias para a presença ou frequência dessas pessoas contrasta com o que elas possuem para participar de tais atividades remotas, muitas dessas pessoas não possuíam celular ou rede de internet disponível.

Assim, poucos meses depois, nossos encontros foram suspensos por falta de quórum. E assim, aquele que seria meu objeto de pesquisa estava sendo limitado de duas maneiras muito impactantes: o espaço físico que eu analisava estava fechado, a dinâmica do curso e minha prática suspensas. Estar professora e estar no PreparaNem me faziam estar vivas. Muitas vezes era isso que me motivava a sair da cama, mesmo depois de dias só deitada dominada pela depressão.

A pandemia do Corona vírus seguiu arrasadora, principalmente nos dois primeiros anos (2020 e 2021). Não somente pelas inúmeras perdas que sofremos diretamente em nossas vidas, mas pelo contexto social e político que o Brasil se encontrava. Além disso, nos colocou em desafios sobre o estar presente de forma virtual, sobre novos significados do espaço, ele que para o PreparaNem é precioso por configurar, talvez, um dos poucos espaços seguros para as pessoas que o frequentam. Foucault (2009) traz uma reflexão que poderia se encaixar facilmente neste contexto ao afirmar que

Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama (p.411).

Estar em movimento social e se manter minimamente informada sobre o que acontecia e ainda acontece no Brasil e no mundo adoecem mentalmente qualquer ser humano com alguma consciência social. Ainda mais sendo e estando professora da Geografia. Ataques cada vez mais públicos, frequentes, apoiados nos discursos de políticos e subcelebridades da internet que respaldam comportamentos e disseminam ódio¹⁷.

Os impactos destes anos de pandemia já aparecem, embora não muito nítidos para a educação e nossas relações sociais. A verdade é que este trabalho é feito de resistência e muita admiração. Ele se mostra necessário para que esta realidade do agora não massacre. E para que todas as dúvidas e questionamentos que me impulsionaram a escrevê-lo gerem outros e produzam ecos sociais que multipliquem iniciativas iguais e olhares mais sensíveis como acredito estar construindo.

Após tudo o que foi dito até aqui é importante destacar que a estrutura deste trabalho é proposta primeiramente desta introdução. No segundo capítulo, os diversos conceitos que costuram toda esta pesquisa são trazidos, para nos ajudar a compreender alguns conceitos-chave, e ter contato com as autoras e autores que dialogam com este texto; no terceiro capítulo tentei conduzir a pesquisa para compreender as dimensões da escola, do campo da Educação e sobre o PreparaNem neste contexto; e, por fim, no último capítulo, trago a discussão sobre a importância do movimento social como agente educador.

As conversas entre mim e as pessoas envolvidas, sobre a vida e o PreparaNem que fazem deste um *lugar*¹⁸, as entrevistas com demais professores e professoras que passaram pelo curso, e como me tornei objeto desta pesquisa olhando para minha formação, prática e perspectiva docente acompanham todo o texto, estão presentes nas escolhas dos autores, obras e caminhos seguidos aqui.

¹⁷ Esses ataques aconteceram com a orientadora desta dissertação e alguns membros do grupo de pesquisa GESDI durante o governo Bolsonaro e se intensificou em dezembro de 2022, após a perda dele às eleições presidenciais, inclusive com ameaça de morte.

¹⁸ “Tuan emprega o termo Topofilia, em livro do mesmo nome (1980), para representar um traço de afetividade humana ao lugar. Nesse sentido, ter amor por algum lugar evidencia um sentimento topofílico. Nesse processo, considera e valoriza a experiência, como fator fundamental para o conhecimento do espaço. Assim, espaço se constitui lugar, quando é produto da experiência humana, que produz significados, os quais são construídos por referências afetivas desenvolvidas ao longo da vida, por meio da convivência. A experiência, nessa perspectiva, expressa a capacidade de aprender a partir da própria vivência; significa aprender, atuar sobre o dado e criar a partir dele. O lugar, então, atinge a realidade concreta quando a experiência do sujeito com ele é total” (LEITE, 2018. p.7).

Algumas vezes essas personagens aparecerão de forma mais direta, contribuindo com as suas falas para o texto.

Para nos permitir entender e significar este trabalho, fizemos a discussão com alguns textos de Foucault (1980/1996) e Laval (2020), pois estes autores contribuíram nas diversas análises das estruturas de poder; Pinar (1998) e Sepulveda (2012; 2021) nas pistas e indícios presentes nas conversas; Carneiro (2003; 2020) e Schucman (2014) sobre a branquitude; Viviane Vergueiro (2015), Jaqueline Gomes de Jesus (2015) e Sara York (2020) trazem seus olhares como mulheres trans/travestis na/da/para a Educação colorindo e recheando de significado este trabalho; e bell hooks (2017), Bourdieu (2015), Zago (2008), Vasconcelos (2015), Lino (2017) e Gohn (2012) e outros contribuíram para entender o movimento social como educador e o papel da cultura na formação educacional. Por fim, urge salientar que a metodologia usada nesta dissertação se amparou em uma abordagem qualitativa de pesquisa com base no Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), pois tal paradigma nos auxilia a investigar pistas, indícios e sinais nas observações realizadas, como nas narrativas dos sujeitos que participaram dessa pesquisa.

Segundo Sepulveda (2012), Ginzburg (1989) nos remete à necessidade de se trabalhar sobre os indícios que a realidade apresenta. Ler pistas e sinais, tentar entender através desses alguns significados daquilo que não temos capacidade de compreender de outro modo, captar neles informações do real não acessíveis pelos meios tradicionais de pesquisa; é esse o fundamento do paradigma indiciário. Machado Pais (2003, p. 28) também acredita na impossibilidade de captação do real e diz:

Para a sociologia do cotidiano, o importante é fazer insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas, em vez de fabricar a ilusão de sua posse. A posse do real é uma verdadeira impossibilidade e a consciência epistemológica dessa impossibilidade é uma condição necessária para entendermos alguma coisa do que se passa no cotidiano.

Portanto, o paradigma indiciário consiste em investigar o que não está à mostra, já que a realidade não se mostra enquanto tal. Situações que muitas vezes são tidas como insignificantes podem expressar muito ao pesquisador, já que são imagens da realidade pesquisada (SEPULVEDA, 2012).

Se tornar importante também destacar que alguns dos títulos dos capítulos são escritos com diversas frases que ouvi durante as aulas e nas conversas com alunas e alunos do PreparaNem. Percebendo que essas frases são sinais dos conceitos abordados em cada um e provocando o leitor a fazer a leitura e discussão. Optei por não trazer as conversas transcritas aqui por considerar que isso não contribuiria para a fluidez do texto.

É importante ressaltar que todas pessoas foram alunas do PreparaNem entre 2017 e 2020 e estiveram comigo em sala em algum momento. Essas pessoas, hoje, fazem parte do meu grupo de amizade e autorizaram o uso de seus nomes verdadeiros, assim como o uso do que foi dito.

O vínculo existente entre mim e elas foi imprescindível para que soubessem que suas falas não seriam deturpadas. Sabiam que o esforço desta pesquisa se dá pela importância do PreparaNem dentro não só dos contextos das nossas vidas, mas na vida de diversas outras pessoas que direta ou indiretamente seriam beneficiadas com a sua existência.

Além disso, chamo o que tivemos de conversa pois não estabelecemos perguntas fechadas que eram respondidas. A opção pela conversa se deu pelo entendimento de que ela possibilita que histórias ocultadas ou invisibilizadas possam aparecer a partir de suas narrativas. É no diálogo livre que os mecanismos criados em nós através dos diversos dispositivos¹⁹ disciplinares e normatizadores vão sendo ultrapassados permitindo que as memórias apareçam.

Através destas conversas pude perceber diversos indícios que eu havia alcançado em sala e assim confirmaram os desafios e potencialidades motivadores desta pesquisa. Algumas pistas foram admitidas, outras trouxeram muitos outros aprendizados e ampliaram os horizontes sobre a importância do PreparaNem Niterói na vida e no cotidiano daquelas pessoas e, no final, da minha também

¹⁹ Por dispositivos, Castro (2009) contribui explicando que para Foucault “o dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito. (...) O dispositivo tem uma função estratégica. (...) um dispositivo se define por sua gênese. A esse respeito Foucault distingue dois momentos essenciais. Um primeiro momento do predomínio do objetivo estratégico; um segundo momento, a constituição do dispositivo propriamente dito. (p.124)



1 AQUENDA, QUE TÁ BABADO!²⁰

Este capítulo tem como objetivo abordar diversos conceitos que permeiam esta pesquisa de forma que aqueles que o leem possam compreender plenamente sua importância e materialidade. O ponto de observação aqui trazido é composto de uma realidade que ecoa diversas pessoas que antes se dedicaram a estudar as esferas do gênero e da sexualidade, do poder, da escola e da formação social provocada pelas diversas instituições.

É *babado* pois são conceitos diversos e complexos que estão em disputa. Isso significa que estão se deslocando dentro do próprio campo teórico no qual se inserem ou passando por releitura. Alguns estão aparecendo novamente nas discussões depois de terem sofrido um apagamento epistemológico, relacionados principalmente ao assunto sobre o qual debatem.

Nenhuma discussão aqui proposta surge recentemente. São temas que permeiam debates sociais há tempos, mas que são potencializados pela realidade do Brasil do século XXI e que me levaram a tecer alguns questionamentos: De que maneiras entendemos as esferas nas quais as pessoas estão inseridas? Como podemos formar nossas identidades? Como a internet e as redes sociais ajudam na criação de um humano ideal, perfeito? Como a pandemia contribuiu para a mudança dos comportamentos das pessoas e como isso afeta a escola?

²⁰ *Aquendar* é expressão usual que se pode oferecer às significações de pegar, fazer e dar atenção, no sentido mais erótico em que se possa conjugar o verbo e/ ou oferecer-se à fruição dos prazeres sexuais. É, ainda, significado para falar, ver, tomar uma atitude, conhecer e experimentar – performando alguma curiosidade, não necessariamente erótica. Essa ‘invenção’ (ou reapropriação) linguística pode indicar uma dentre as formas de resistência presentes no que podemos denominar como sendo o campo das minorias sexuais, especialmente ao usar e abusar da linguagem, torcendo a língua com hibridizações etno-sexo-gênero combativas das formas de hierarquização, violência e injúria. Ato performativo como confronto, disputa e reinvenção linguístico-discursiva para reagir diante das interpelações injuriosas da heterossexualidade compulsória, sexismo e racismo. (POCAHY, 2013. p. 157). Da mesma forma que *babado* é expressão que pode indicar algo está muito bom, uma fofoca, uma coisa grandiosa. *Babado* tem diversas interpretações situacionais. Pode ser muito bom, muita fofoca, muita novidade, muita surpresa.

1.1 “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes. É dar o troféu ao nosso algoz e fazer nós sumir²¹” – ser quem se é

Ainda hoje é difícil compreender o ser humano na sua plenitude. Como construímos nossas identidades tanto individuais quanto coletivas? Quando nos vemos em outras pessoas e passamos a entender que algumas dores são compartilhadas? Quando passamos a entender que algumas das nossas características mais banais se apresentam antes de nós ao mundo e permitem ou não nossos acessos aos espaços?

A discussão das formações das identidades há algum tempo são alvos da preocupação de alguns autores, mas como enfatiza Sepulveda (2016) ainda se torna fundamental estudá-las, pois, a partir desses estudos podemos desinvisibilizar práticas discursivas engendradas em processos de subjetivação que influenciam na formação das identidades dos sujeitos.

Segundo Foucault (2006), o discurso vive por meio de si mesmo, tem autonomia e normas próprias. Ele não se origina do mundo, tampouco é a representação desse mundo. Também não é formado por um sujeito que o fundou. Para esse autor, o discurso é que compõe o mundo e o sujeito, colocando-nos em regimes discursivos que nos moldam a uma maneira de compreender, narrar e operar enquanto sujeitos no mundo. Contudo, é importante mencionar que o discurso não está situado fora dos dispositivos e práticas nos quais ele se corporifica e se produz; pelo contrário, é justamente nisso que incide a sua engrenagem de funcionamento, ou seja, somos sujeitos constituídos pelo discurso, pelas normas e regras que se formam e pelas ferramentas que ele nos proporciona para a composição de nossa maneira de pensar e de agir no mundo, com o outro e conosco. (SEPULVEDA, 2016, p, 2)

Os processos de subjetivação fabricam e modelam os sujeitos; várias podem ser as instâncias, os dispositivos e os contextos nos quais o sujeito é fabricado ou modelado pelos processos de subjetivação, e o discurso é um desses dispositivos.

Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecem descartáveis; elas podem ser, então rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. (LOURO, 1995, p. 12)

As diversas esferas que nos compõem se encontram em diversos níveis e constroem nossas identidades. Sabendo que elas são múltiplas, precisamos

²¹ Trecho da música “Amarelo” de Felipe Vassão, DJ Duh, Emicida e Belchior.

entender a forma como, sistematicamente, o cruzamento entre elas produz sujeitos e invisibilizam outros. Essa confluência foi pensada já na década de 1950, sendo trazida para a discussão novamente com mais energia na década de 1980, apesar de, à época, não ter recebido o nome atual de interseccionalidade.

O conceito de interseccionalidade tem sido resgatado por diversas autoras e autores que tentam ultrapassar a binaridade gênero-raça ou gênero-classe e entender como a sexualidade, a idade, capacidade física, localização, a identidade de gênero, a geração etc. interferem na existência de cada um subjetivamente.

Esse conceito surge na década de 1980 através dos escritos de autoras como Lélia Gonzalez²², Angela Davis e bell hooks. Mais recentes, temos Patricia Hills Collins e, no Brasil, Carla Akotirene (2009), que mostra que

Do meu ponto de vista decolonial, é contraproducente empregar interseccionalidade para localizar apenas discriminações e violências institucionais contra indígenas, imigrantes, mulheres, negros, religiosos do candomblé, gordos e grupos identitários diversificados. O padrão global moderno impôs estas alegorias humanas de *outros*, diferenciadas na aparência, em que preconceitos de cor, geração e capacidade física, aperfeiçoam opressões antinegros e antmulheres – mercadorias humanas da matriz colonial moderna heteropatriarcal do sistema mundo. (p.22-23)

Além disso, ela ainda aponta que

O Feminismo Negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e Intersexos (LGBTQI), pessoas de cientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras (AKOTIRENE, 2009, p. 19)

Trazendo as contribuições sobre o mesmo assunto Crenshaw (2002) é assertiva ao definir a interseccionalidade quando fala que

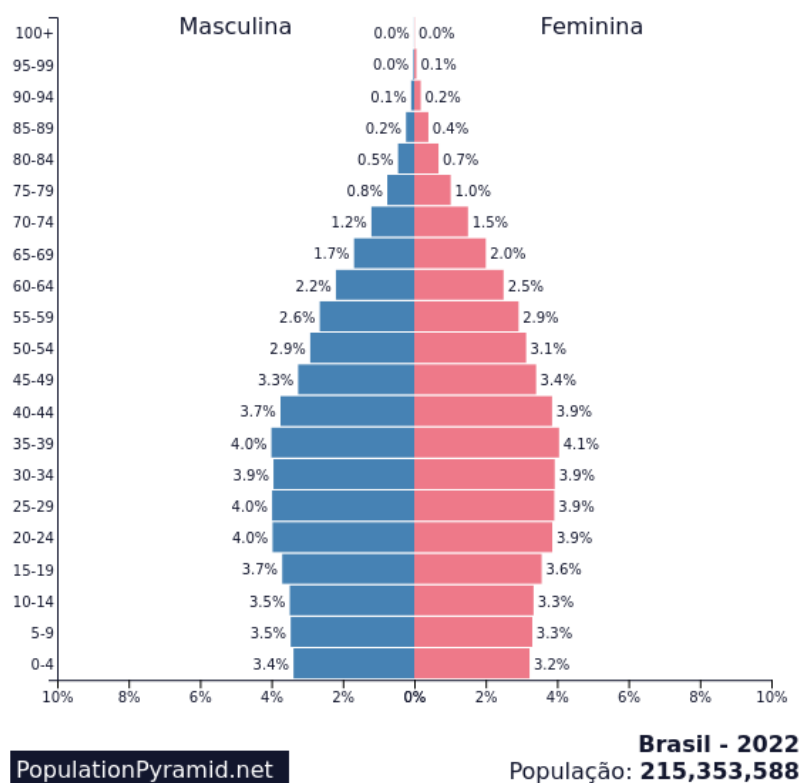
é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (p.177)

²² Lélia Gonzalez é conhecida pelo seu pioneirismo na discussão interseccional, mas no Brasil algumas autoras também são fundamentais na discussão sobre o assunto e que vão destacar o papel da mulher e da mulher negra na construção do país como Neusa Santos Souza, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro etc.

Aqui é essencial que a confluência dessas esferas é essencial, e assim como aponta Akotirene (2009), deve se atualizar nos demais âmbitos da vida e a outras populações, que devem se apropriar das discussões. Fundamentalmente, sair da perspectiva de objeto de pesquisa e assumir o papel de pesquisar e produzir teorias sobre, alterando a imagem construída.

Quando estudamos as pessoas, categorizamos gênero apenas como uma esfera menor para compreender quantitativamente a existência de masculino e feminino dentro do universo analisado. Não existe análise profunda do que esta divisão contempla. A separação da sociedade em dois gêneros acompanha, por exemplo, os estudos e análises do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e demais órgãos que, ao traçar o perfil da população, vai afirmar na pirâmide etária apenas feminino e masculino (Figura 10).

Figura 10 - Pirâmide populacional dividida por gênero masculino e feminino. Colorida em azul (masculino) e rosa (feminino)



PopulationPyramid.net. Acesso em 04/09/2022.

Estes são apenas exemplos simples de como a questão de gênero é abordada e vai criar um consenso sobre o que ela significa. Isso torna o trabalho de pesquisa complexo e é difícil entender como *gênero* está implicado no processo

educacional em diversas esferas. É da mesma forma difícil romper os estereótipos e tratar de forma natural sobre esse assunto nas escolas, uma vez que temos vivido tempos de controle do que a escola e seus docentes podem ou não abordar.

Quando Judith Butler em *Problemas de Gênero* (1990) discute a questão, ela aborda que já somos gênero antes de fazer qualquer escolha e que a forma como interpretamos esse conceito é pré-determinada por um conjunto de atitudes e normas já estipuladas socialmente a cada um dos dois gêneros aceitos como padrão. Segundo Sara Salih (2019), “o que Butler quer dizer é que o gênero é um ato ou uma sequência de atos que está sempre e inevitavelmente ocorrendo, já que é impossível alguém existir como um agente social fora dos termos do gênero” (p. 68).

É importante ressaltar que, quase sempre, quando falamos sobre gênero pensamos e somos orientados a pensar sobre as mulheres. Como se as questões de gênero ou a existência do gênero fosse atrelada somente a existência da mulher. E, claro, a mulher padrão. A discussão não se dá no campo da masculinidade e de como a mulher foi construída como o outro, como a antítese. A mulher é aquela que não é o homem e com isso todos os outros gêneros são somente ausências ou alterações do masculino.

O homem branco cis heterossexual com corpo dentro dos padrões estéticos estabelecidos é aquele que não é afetado pelo gênero, é aquele que a sexualidade não é questionada, nem discutida; o qual a raça é a que discute e determina os padrões racistas e que institui quem é “o outro”.

O artigo de Joan Scott se tornou um marco nas temáticas de gêneros e nas análises da pesquisa histórica. A autora ajudou a pensar sobre o conceito de gênero como uma categoria útil à história. Nesse sentido, enfatizou a importância de se refletir sobre a relação existente entre mulheres e homens, assim como sobre as desigualdades e hierarquias sociais que se estabelecem entre ambos. De acordo com Scott, o conceito foi desenvolvido como uma maneira de se opor a um determinismo biológico nas relações entre os sexos masculino e feminino, dando-lhes um caráter fundamentalmente social: “o gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade (SCOTT, 1990, p. 5)”. Logo, a importância dessa análise diz respeito ao aspecto relacional, ou seja, a noção de que os gêneros não podem ser entendidos separadamente – mulheres e homens precisam ser compreendidos de forma recíproca. (SEPULVEDA; SCHUELER; BAEZ, 2021, P.2)

Segundo Joan W. Scott (2009):

Gênero é um saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos

sociais e no tempo, já que nada no corpo, incluído aí os órgãos reprodutivos femininos, determina univocamente como a divisão social será definida. (p. 12-13)

Richard Miskolci (2014) formula da seguinte forma:

A articulação das categorias gênero e raça/etnia possibilita pensar como as identidades também são construídas a partir de marcas corporais. Note-se que o termo “identidade”, colocado no plural, indica a pluralidade dos sujeitos e que as marcas corporais não têm um significado único e fixo. (p.53)

Completando seu argumento Louro (2000) diz:

[...] que marcas são essas? O que supostamente mostram? As marcas devem nos “falar” dos sujeitos? Esperamos que elas nos indiquem – sem ambiguidades – suas identidades. Gênero? Sexualidade? Raça? Aparentemente seriam evidentes, “deduzidos” das marcas dos corpos. [...] afinal, o sujeito é masculino ou feminino? É branco ou negro? O corpo deveria oferecer garantias para tais identificações. (p.61)

Gênero exige problematizar toda possível naturalização que fixe modelos de masculinidade e feminilidade baseados em atributos decorrentes de características físicas, congênitas. É possível criar relações nas quais as diferenças não signifiquem inferioridade nem posições de hierarquização, respeitando a articulação das diversas categorias nas quais estamos inseridas.

Essa problematização alcança a discussão da transgeneridade e da não binaridade. Por se tratar de um fenômeno complexo, com diversas subdivisões, enquadram-se na definição de transgêneros todos os indivíduos que não se reconhecem, e/ou não são reconhecidos, de acordo com os estereótipos e atributos destinados pela sociedade ao homem e à mulher.

Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. Como já foi comentado anteriormente, nem todas as pessoas são assim, porque, repetindo, há uma diversidade na identificação das pessoas com algum gênero, e com o que se considera próprio desse gênero. Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não são identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans. (JESUS, 2012, p.10)

A dificuldade das pessoas em lidar com corpos diferentes acaba colocando a população transexual e travesti na ponta da vulnerabilidade, sofrendo violências de diversas formas que as atingem enquanto suas identidades permanecem sendo ignoradas. Tal fato é percebido com a expectativa de vida da população trans que no Brasil é de 35 anos, refletindo os dados da violência contidos no Dossiê dos

assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil, publicado pela Associação Nacional De Travestis E Transexuais Do Brasil (ANTRA, 2021)²³.

Em 2020, o Brasil assegurou para si o 1º lugar no ranking dos assassinatos de pessoas trans no mundo, com números que se mantiveram acima da média. Neste ano, encontramos notícias de 184 registros que foram lançados no Mapa dos assassinatos de 2020. Após análise minuciosa, chegamos ao número de 175 assassinatos, todos contra pessoas que expressavam o gênero feminino em contraposição ao gênero designado no nascimento, e que serão considerados nesta pesquisa. É de se lembrar exhaustivamente a subnotificação e ausência de dados governamentais. (BENEVIDES & NOGUEIRA,

Sexualidade também é um dos eixos que passa por dificuldades de compreensão. A necessidade de padronizar os corpos, criar o corpo ideal passa pela ideia de corpos sem sentimentos. Temos pistas dessa questão quando percebemos a dificuldade das escolas em lidar com a volta dos alunos e alunas aos espaços da escola pós-pandemia. Situações que antes eram ignoradas por virem à tona de forma ocasional, precisam ser enfrentadas pelas pessoas na escola.

Exemplos desta dificuldade que presenciei em diversas situações era o incomodo exagerado com barulho, conversas, abraços e demonstrações de afeto. Muitas vezes, os funcionários da escola reclamavam e se alteravam com o comportamento das alunas e alunos. A verdade é que esqueceram do movimento que é a escola cheia de gente. Tratando de adolescentes que haviam passado dois anos em isolamento, era de se esperar que o comportamento não seria o melhor considerando que muitas vezes (e quase por princípio) que é a escola que os ensina a viver em sociedade.

Além disso, as discussões de gênero e sexualidade, que na pandemia ficaram afastadas dos olhos da escola, apareceram no contato e relações entre alunos e alunas. Mas elas acabaram por ficar evidentes pela necessidade de adolescentes de encontrarem sua identidade, estabelecerem laços com outras pessoas, terem relações amorosas. Então, a escola precisou entender os diferentes corpos e as diferentes sexualidades existentes na escola. Assim como seus preconceitos também foram expostos.

O caso de duas meninas que foram encontradas namorando no banheiro deixou isso muito claro. A dificuldade de discutir sobre o uso dos espaços da escola. A exposição do caso às responsáveis e a violência envolvida nisso, tanto pelas

²³ Dossiê dos Assassinatos e da violência contra pessoas trans brasileiras em 2020. (BENEVIDES e NOGUEIRAS, 2021). Disponível em: www.antrabrasil.org/assassinatos.

famílias que não aceitavam quanto pelo apontamento das outras pessoas na escola sobre o caso. E uma série de falas lesbofóbicas que surgiram de diversas esferas de atuação.

Entende-se sexualidade como a forma que experimentamos o mundo através da energia que nos motiva. A forma como nos relacionamos, criamos laços, sentimos prazer. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006) “A sexualidade²⁴ é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais”. Uma necessidade básica que envolve não somente a questão sexual, mas toda forma de interação dos indivíduos. Como diz Louro (1997) “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (p.81).

A sexualidade envolve desejo, afeto, auto compreensão e até a imagem que os outros têm de nós. A sexualidade tende a ser vista, por cada um de nós, como nossa própria intimidade, a parte mais reservada, às vezes até secreta, de nosso eu. Assim, não surpreende que a sociedade tenha encontrado nela um meio de normalizar as pessoas. Foi a partir de uma maneira de tornar essa sensação mais íntima, mais preciosa e pessoal em algo que é motivo de chacota, xingamento e de humilhação. A *abjeção* acaba sendo maior pela via sexualidade porque ali se unem esses sentimentos mais profundos, em que a pessoa mais se sente em confronto com a ordem social. (MISKOLCI, 2017. p.43-44, grifo meu)

Foucault (2014) busca de diversas formas entender os motivos pelos quais as pessoas tentam definir a sexualidade ou estabelecer uma verdade do sexo. Segundo ele

Uma certa inclinação nos conduziu a colocar para o sexo a questão do que nós somos. E não tanto ao sexo-natureza (elemento do sistema vivente, objeto de uma biologia), mas ao sexo-história ou sexo-significação, ao sexo-discurso. Situamo-nos a nós mesmos sob o signo do sexo, mas de uma *Lógica* do sexo, mais que de uma *Física* (2014. p. 86)

Diversas vezes, existe uma relação entre as diversas formas de controle e definição da sexualidade com o exercício de poder. Sobre isso, Foucault (2014) afirma

Por poder, me parece que é necessário entender, antes de tudo, a multiplicidade das relações de força que são imanentes ao domínio onde elas se exercem e são constitutivas de sua organização; o jogo que através

²⁴ Dentro da sexualidade, podemos falar de identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico. Sobre isso, recomendo que vejam o biscoito sexual, ilustração que ajuda a entender tais nomenclaturas.

das lutas e dos enfrentamentos incessantes as transforma, as reforça, as inverte; os apoios que estas relações de força encontram umas nas outras, de maneira que formam uma cadeia ou sistema, ou, ao contrário, os deslocamentos, as contradições que as isolam umas das outras; finalmente, as estratégias nas quais elas entram em vigor, e cujo projeto geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparatos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (p.100-101)

Castro (2009) analisa a sexualidade em Foucault e aponta que

Não há que descrever a sexualidade como uma força monstruosa e indócil; mas como um ponto de passagem particularmente denso para as relações de poder, entre homens e mulheres, jovens e anciãos, pais e filhos, educadores e alunos, os administradores e a população. Segundo Foucault, a partir do século XVIII, desenvolveram-se quatro grandes dispositivos de saber e poder: 1) a histerização do corpo da mulher (...); 2) A pedagogização do sexo das crianças (...); 3) A socialização das condutas procriadoras (...); 4) A psiquiatrização dos prazeres perversos (...). Em cada uma dessas estratégias, não se trata de lutar contra a sexualidade ou de ocultá-la, mas de produzi-la. (p.400)

Ainda sobre sexualidade em Foucault, Castro (2009, p.401) destaca que

A história do dispositivo de sexualidade é a história de um dispositivo político que se articula diretamente sobre o corpo, isto é, sobre o que este tem de mais material e mais vivente: funções e processos fisiológicos, sensações, prazeres etc. Convém insistir no advérbio “diretamente”; com efeito, a história da sexualidade não é uma história de como o corpo foi percebido ou pensado, não é uma história das mentalidades, mas do corpo em sua materialidade. Pois bem, pode surgir aqui a seguinte pergunta: esta materialidade (elementos fisiológicos, sensações, prazeres) não é o sexo? Foucault coloca a questão explicitamente nestes termos: “O sexo é, na realidade, o ponto de fixação que suporta as manifestações da ‘sexualidade’ ou, antes, uma ideia complexa, que se formou historicamente dentro do dispositivo da sexualidade? (...) Vê-se claramente: é o dispositivo da sexualidade, em suas diferentes estratégias, que instala a ideia ‘do sexo’” (2014, p. 165).

A compreensão que a sexualidade se resume ao sexo se dá na tentativa de controlar os corpos para o trabalho, aproveitando ao máximo sua força e energia. O conceito de sexo vai reunir prazer, função biológica, conduta, ou seja, um “significante único e como significado universal (...) o sexo nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo e por seu funcionamento” (FOUCAULT, 2014, p.168).

É preciso também considerar que existe uma confusão feita sobre sexo, sexualidade e afetividade. Uma vez que nossas relações são permeadas de diversos contatos, o desconhecimento dessas questões, somado a ideia de que as pessoas nas escolas não possuem corpos e emoções, vai impedir que essas

peças troquem afetos, criem relações, dificultando diversos processos educativos que necessitam dessas trocas.

Quando falamos sobre afeto, concordo com Costa (2017) ao afirmar que

A afetividade no desenvolvimento humano, especialmente na Educação, envolve o acreditar que a criança é capaz de se tornar uma pessoa mais autônoma nas resoluções de problemas em sua vida e ser socialmente participativa ao interagir com o meio. Nas situações cotidianas de conflito, a professora pode intervir ampliando as possibilidades da criança de negociação com o outro. Uma convivência baseada no respeito, uma relação afetiva positiva entre professor e aluno colabora no processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno (p.5)

Nas conversas com alunas e alunos percebi que havia resistência anterior de assumir abertamente quem eles eram. Era como se houvessem dois indivíduos, um no PreparaNem e outro no mundo. E isso me deu pistas sobre como aquele espaço era seguro e proporcionava àquelas pessoas possibilidades de aprenderem sem medo.

Além disso, por usarmos o espaço para atividades e reuniões para além das aulas, fomos criando laços e vínculos maiores que aqueles estabelecidos nas salas de aula formais. Assim, alguns iam para a aula diversas vezes mesmo desanimados porque sabiam que aquele espaço faria bem.

Mas se o movimento de afetar não for experimentado na extensão da relação que o produz, o que nos resta? Nós perdemos do acontecimento que já sinalizava nossa potência de agir e de compor outros modos de pesquisar. Desponta a centralidade nos saberes, nas técnicas e nas verdades. E na tentativa de reconhecer sem cessar, trancafiemos as próprias sensações que insistem no movimento de perceber, afetar e afetar-se. Alimentados pela força reativa que encarcera afetos em um saber e uma moral, caímos no engodo: se afetar, diferença; se diferença, ameaça à vida. (FONSECA, NASCIMENTO e MARASCHIN, 2014, p. 23)

Nas conversas tidas antes e também para esta pesquisa, foi relatado mais de uma vez que ir para o PreparaNem era uma forma de fugir dos espaços controladores e violentos da própria casa. Também um “descanso para as aulas maçantes da escola”²⁵ que por acontecerem dentro do modelo de educação bancária²⁶ ainda era desestimulante principalmente para aquelas pessoas que trabalhavam em um turno.

²⁵ Fala de uma das alunas durante a conversa. Ela era aluna do curso normal, fazia estágio pela manhã e estudava a tarde e à noite frequentava o PreparaNem.

²⁶ Paulo Freire em sua conhecida obra intitulada Pedagogia do Oprimido (1974), conceitua a Educação Bancária como imposição do conhecimento realizada pelo professor sobre o aluno na medida em que o professor já os havia adquirido e dispõe destes sendo assim possível sua ação de depósito deste conhecimento nos alunos. Tratar-se-ia de uma atitude autoritária e opressiva sobre

Aqui percebo novos indícios de que o PreparaNem ultrapassava a fronteira do espaço de aprendizagem para o ENEM, ele aparentava ser um espaço de acolhimento, descanso, diversão e estudo que era mais atrativo que outros e, conforme ia ouvindo as pessoas, percebia que era justamente a forma como escutávamos, as relações que construíamos, a indiferença ao modo de vestir e se apresentar que fazia com que, pelo menos lá, eles fossem vistos e também aceitos.

O próprio Foucault (2005) discute a necessidade do controle dos corpos, da denominação da sexualidade como uma forma de exercer o poder sobre o outro e controlar o corpo social através do controle dos indivíduos. Esse controle não se dá de maneira coercitiva e não necessariamente precisa ser exercido por uma instituição como a polícia. Ele vai acontecer de forma mais sutil entre a própria população uns com os outros e nela própria.

Na aula de 14 de janeiro de 1976, Foucault (2005) traz para a discussão sobre como surge a necessidade de controle dos corpos e da sexualidade. Ele vai trazer inicialmente o argumento conhecido que é a Revolução Industrial e a importância do corpo como força de trabalho, mas também vai apontar como este argumento é simplório, traçando uma série de mecanismos que se mostraram mais sólidos para o estabelecimento da norma.

Segundo ele

O ponto em que ele (o sistema) encontrou seu interesse e pelo qual ele se mobilizou não foi no fato de eles serem excluídos, mas na técnica e no próprio procedimento de exclusão, foi a aparelhagem de vigilância, foi a medicalização da sexualidade, da loucura, da delinquência, foi tudo isso, isto é, a micromecânica do poder, que representou, constituído pela burguesia, a partir de certo momento, um interesse, e foi por isso que a burguesia se interessou (p.28,29)

Esses mecanismos interessaram a burguesia a partir do momento que ela viu que isso gerava lucro e tinha utilidade política. Como podemos perceber, Foucault faz um recorte de classe trazendo a disputa da burguesia no recém nascido capitalismo pelas formas de reproduzirem as forças do sistema e manterem os trabalhadores sobre controle. Ou seja,

A burguesia não dá a menor importância aos loucos, mas os procedimentos de exclusão dos loucos produziram, liberaram, a partir do século XIX e mais uma vez segundo certas transformações, um lucro político, eventualmente

alunos que se encontrariam passivos e apenas receptivos dos conteúdos e informações que o professor neles depositaria

uma certa utilidade econômica, que solidificaram o sistema e o fizeram funcionar no conjunto. (p.29)

Aqui falar dos loucos é importante para lembrar que a sexualidade já foi vista como doença. Em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). Em 25 de maio de 2019, a OMS aprovou a resolução para remover o “transtorno de identidade de gênero” da CID-11, que apontava a transexualidade como doença mental. Além disso, criou um novo capítulo no documento dedicado à saúde sexual na qual a transexualidade está incluída.

É importante salientar isto para entender que os mecanismos de controle e poder vão incidir sobre os corpos de diferentes formas, como trazemos neste capítulo abordando o conceito de interseccionalidade. E também que é preciso considerar o contexto histórico e geográfico no qual essas discussões se inserem.

Diversos autores e autoras trazidos nesta pesquisa dissertam sobre as questões de gênero, sexualidade, classe, raça, e como essas categorias, por assim dizer, estabelecem relações de poder juntas e simultaneamente e em diversas direções e intensidades. E é preciso também considerar que elas se inserem em um espaço-tempo no qual outras relações também são estabelecidas.

Partindo disto, precisamos entender que aqui a análise feita considera que estamos no Brasil, o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Que estamos na periferia do sistema-mundo, mas somos agentes centrais nesta periferia. Ao estabelecermos essa relação centro-periferia, apontamos de onde e para onde vão os fluxos de conhecimento, poder, dinheiro etc.

Santos e Silveira (2001) falam da relação centro-periferia e expõe como, no século XXI, o capitalismo globalizado distribui de forma desigual as forças estabelecidas, nas quais “as ordens se situam fora de sua competência territorial e deixam uma pequena margem para a escolha de caminhos suscetíveis de atribuir, de dentro, um destino ao próprio território nacional” (p. 268).

Essa produção desigual perpassa as pesquisas das ciências humanas e como sublinha Pinheiro (2020)

[...] há uma tensão nessa mediação a partir do lugar de onde se fala, para quem fala e quais teorias utilizam-se para apoiar a argumentação (MARTÍN, 2014). Esse sentido do processo aponta para a relevância da geopolítica do

conhecimento na produção e circulação do conhecimento, pois relaciona o lugar geográfico no qual estão os sujeitos da elaboração do conhecimento às disputas de poder e reconhecimento. A noção de poder utilizada nessa reflexão destaca as diversas assimetrias produzidas a partir da distinção dos contextos de origem ou de filiação institucional aos quais pesquisadoras e pesquisadores estão vinculados e o alcance do reconhecimento produzido (s.p.)

Isso atravessa as pesquisas, esta inclusive, assim como o objeto de observação por ela proposto.

Nós guardamos marcas históricas e culturais dos discursos que nos constituíram como periféricos. Isso, claro, marca também nossos textos e reflexões. Quando pensamos em raça, cor, classe, sexualidades, não podemos esquecer de nossas peculiaridades locais (Pelúcio, 2012, p.413).

Esses apontamentos são fundamentais para entender não só a importância do PreparaNem, mas também entender porque não existem mais trabalhos publicados e divulgados sobre o projeto e a dificuldade de conseguirmos parcerias com as universidades para estabelecer o diálogo proposto aqui. Tais questões são indícios de que existem forças para além das expostas na necessidade de ingressar nas universidades, o que chamou a minha atenção.

Até aqui percebemos os diferentes campos nos quais nossas identidades circulam. Mas o que fazer quando nossas identidades são negadas? E quando os espaços que fazem parte da construção destas identidades nos invisibilizam? Como conceber a complexidade da escola na tentativa de manter e reproduzir as violências, mas também de ser palco de tensões, enfrentamentos e da reinvenção dos espaços?



2 “**MENINOS TRAZEM REFRIGERANTE, MENINAS TRAZEM SALGADO**”: A ESCOLA REPRODUZINDO O DISCURSO DA HETERONORMATIVIDADE.

A frase acima já foi ouvida por diversas pessoas durante o tempo que frequentamos a escola. Talvez ela nunca tenha despertado curiosidade ou questionamento. Ouvi diversas vezes que o motivo dessa divisão era porque “meninas sabem fazer comida e, para os meninos, refrigerante é mais fácil”. Essa resposta não parecia nada de mais, apenas a natural propensão das meninas aos afazeres domésticos e a dificuldade dos meninos em cozinhar.

Na realidade, não havia motivo prático para essa divisão já que, muitas vezes, quem era responsável pela produção e aquisição dos produtos eram as pessoas responsáveis pelos alunos. Essa frase traz muito mais que a simples divisão de tarefas na escola, ela reafirma os papéis “naturais” dos gêneros e é somente um recorte de diversos outros proferidos por professoras e professores, estabelecendo o que meninos e meninas podem e, principalmente, não podem fazer.

Caetano (2013) aponta que

É no jogo de apresentações e nas expectativas heteronormativas de gênero que as identidades LGBT são estigmatizadas. Elas, por serem inscritas e significadas no corpo, estão no interior das hierarquizações e classificações sociais tanto quanto nas práticas curriculares e, mais amplamente, nas ações e relações escolares, ou seja, no sentido mais amplo de currículo. É preciso que saibamos que o discurso de gênero é significado como efeito de sofisticados equipamentos educativos e formativos produzidos e mantidos por instituições como o direito, a medicina, a família, a escola, a religião e a língua que produzem corpos reconhecidos como masculinos e outros identificados com femininos. Essa dinâmica obscurece outras possibilidades de estruturação das identidades e práticas sexuais. (p.74)

A reafirmação de papéis de gênero e a reprodução da heteronormatividade na escola se dá de diversas formas. Não somente em frases como a acima, mas no cotidiano das atividades, nos livros didáticos, na escolha da abordagem dos conteúdos etc. A escola é a responsável pelo primeiro contato da criança longe da família em um círculo social diferente, então de que formas ela pode contribuir, ou não, para uma formação com mais respeito ao diferente?

Aqui trago Preciado (2013, s/p) que afirma

Quem defende o direito das crianças diferentes? Os direitos do menino que adora se vestir de rosa? Da menina que sonha em se casar com a sua melhor amiga? Os direitos da criança queer, bicha, sapatão, transexual ou

transgênero? Quem defende o direito da criança a mudar de gênero, se for da vontade dela? Os direitos das crianças à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade? Quem defende os direitos da criança a crescer num mundo sem violência sexual ou de gênero?

Frases como o título deste capítulo são vistas com naturalidade pela escola e pela comunidade escolar. E o que percebemos é que se a instituição escola precisa atuar na reafirmação da condição de algo “natural” é porque aquilo não acontece naturalmente, mas precisa ser firmado enquanto condição biológica estruturante.

Entretanto, como fez Guacira Lopes Louro (2001)

não pretendo atribuir à escola nem o poder nem a responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos de determiná-las de forma definitiva. É preciso reconhecer, contudo, que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm “efeitos de verdade”, constituem parte significativa das histórias pessoais (p. 21)

É importante entender que a escola não é um espaço estático, mas extremamente fluido e dinâmico. Assim, não somente os corpos que estão nele, mas toda ação ocorrida nele está em movimento. Não movimento físico somente, mas as forças que atuam no espaço escolar estão em conflito o tempo todo.

Se a escola é o espaço de reprodução, controle, doutrinação, obediência e confirmação do caráter hegemônico é a presença das pessoas que oportuniza a mudança e disputa desse espaço para aqueles que buscam sair da invisibilidade. É na escola que professoras, professores, alunos e alunas vão provocar as forças hegemônicas a discutirem sua presença e buscar novas maneiras de este controle ser feito.

A escola passa a ser espaço de disputa social fundamental para o controle dos corpos e a manifestação de existência dos mesmos. Vai estar o tempo todo construindo, desconstruindo e reconstruindo conceitos, certezas, poderes, saberes etc. Essas experiências são responsáveis pela obrigação dos agentes de reprodução da hegemonia repensarem novos mecanismo e, assim, novas formas de dominação.

Cada ser humano é único e vive no mundo de forma única, então o que é a diferença que a escola apresenta às crianças que passam por aquele espaço? Como a escola contribui para reafirmação dos papéis de gênero e reproduz a heteronormatividade em sua prática cotidiana? Como as instituições corroboram a “naturalidade” de aspectos da identidade através de diversos mecanismos?

Neste capítulo trataremos de que formas as escolas²⁷ podem contribuir para a expulsão/exclusão escolar das pessoas LGBTQIA+, como o campo da Educação se movimenta, se inquieta, se tensiona dentro das discussões de gêneros e sexualidades e como o PreparaNem alcança essas duas tramas e tece uma rede entrelaçada na luta contra e pelas instituições.

2.1 “*Meninas conversam e jogam queimado, meninos brincam de luta e de futebol*”²⁸ – a divisão territorial da escola e a reafirmação nos espaços

Não foi sempre que frases como a que dão título a esse capítulo e a esse subcapítulo geraram incômodo ou estranheza. A imersão nos estudos de gênero e sexualidade, proporcionados pelo PreparaNem foram fundamentais para conseguir identificar nas linhas dos discursos as micro e macro violências que sofremos no cotidiano da escola relacionados a que tipo de padrões de comportamento deveríamos ter.

Com certeza, muitas de nós já passamos por momentos de observação deste espaço da escola com a separação feita de forma orgânica por meninos e meninas. Uma separação natural dos espaços proporcionada, principalmente, pelas diferentes tarefas e atividades executadas pelos dois gêneros definidos como existentes pela sociedade.

O espaço das escolas traz a obrigação de relacionamento entre as pessoas de maneira coletiva e introduz os princípios sociais àquelas pequenas pessoas que em breve circularão livremente pelo mundo. São nesses espaços que serão estabelecidas as diferenças e, de muitas maneiras, reafirmadas quem são as pessoas diferentes.

Se os ambientes escolares produzem e reproduzem aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais da sociedade, são neles que as relações de estranheza com esses corpos que não se encaixam começarão a se manifestar. E

²⁷ Trago aqui escolas como instituição formadora sabendo que hoje existem diversas experiências de escolas diversas com práticas e movimentos de resistência por parte do corpo docente e discente, mas que majoritariamente, e dentro dos parâmetros estabelecidos, seguem ainda práticas conservadoras de aceitação das pessoas LGBTQIA+.

²⁸ Fala da aluna Paula sobre o que ouvia das professoras na escola, explicando a sua dificuldade de participar das atividades.

se, dentro de suas formações, aqueles que estão envolvidos com a educação não tiveram seus conhecimentos desconstruídos-reconstruídos, terão dificuldade para lidar com a liberdade dos corpos e a interação entre eles.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. Concebida inicialmente para receber alguns – mas não todos – ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/as quais havia sido negada. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliação iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos (LOURO, 1997, p. 57).

A maioria das escolas desde a infância separam as crianças por gênero e se recusam a discutir sexualidade por julgar que existe idade certa para que esses assuntos sejam abordados, ou até mesmo concebidos dentro daquele ambiente. O que se torna muito complexo uma vez que entender a sexualidade como uma característica intrínseca às pessoas é essencial para entender a totalidade do ser.

A sexualidade ainda é vista como um tabu na maioria dos espaços, até mesmo acadêmicos. Em muitas escolas, as pessoas envolvidas são vistas como sexualmente isentas, quase assexuadas²⁹ e é importante que elas sejam vistas de forma mais neutra possível. Essa forma de ver as pessoas presentes ali vem desde as suas criações. As escolas são os espaços de formação, não só no âmbito das disciplinas escolares, mas no (re)conhecimento do corpo e da possibilidade de existir plenamente.

Possibilitar que as alunas e alunos tenham autonomia para se desenvolverem de forma livre e consciente, sejam elas sobre sexualidade, expressão de gênero, identidade etc. deveria ser o princípio, meio e fim das instituições escolares, mas estas mesmas crianças precisam se ajustar às expectativas das famílias, da sociedade e das outras pessoas em relação ao modo como se apresentarão ao mundo – que precisa estar em conformidade ao que se considera ser “normal”.

²⁹ Aqui não me refiro a pessoa assexual como orientação sexual, me refiro a ideia de na escola sermos seres sem sexo, quase como um boneco Ken.

A normalização disciplinar consiste em traçar primeiro um modelo, um modelo ótimo que está construído em função de um determinado resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em tratar de conformar as pessoas, os gestos, os atos a este modelo. O normal é, precisamente, o que é capaz de adequar-se a esta norma, e o anormal, o que não é. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, mas sim a norma. Para dizer de outra maneira, a norma tem um caráter primeiramente prescritivo, e a determinação e distinção entre o normal e o anormal resultam em possibilidades decorrentes dessa norma postulada. A causa do caráter primário da norma em relação com o normal, o fato de que a normalização disciplinar parte da norma à diferenciação final entre o normal e o anormal, gostaria de dizer, acerca do que ocorre nas técnicas disciplinares, que se trata mais de uma norma que uma normalização (FOUCAULT, 2008, p. 75,76).

Canguilhem (2009), em *O normal e o patológico*, argumenta que o normal vai ser atribuído sempre em comparação a algo

Portanto, o normal é, ao mesmo tempo, a extensão e a exibição da norma. Ele multiplica a regra, ao mesmo tempo que a indica. Ele requer, portanto, fora de si, a seu lado e junto a si, tudo o que ainda lhe escapa. Uma norma tira seu sentido, sua função e seu valor do fato de existir, fora dela, algo que não corresponde à exigência a que ela obedece. O normal não é um conceito estático ou pacífico, e sim um conceito dinâmico e polêmico. [...] Uma norma, uma regra, é aquilo que serve para retificar, pôr de pé, endireitar. "Normar", normalizar é impor uma exigência a uma existência, a um dado, cuja variedade e disparidade se apresentam, em relação à exigência, como um indeterminado hostil, mais ainda que estranho. Conceito polêmico, realmente, esse conceito que qualifica negativamente o setor do dado que não cabe na sua extensão, embora dependa de sua compreensão (p.91 e 92)

Essa “normalidade” se manifesta na manutenção de uma realidade que reproduz os estereótipos de gênero, como afirma Louro (1997) “registramos a tendência nos meninos de ‘invadir’ os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na ‘ordem das coisas’” (p.60).

(...) Pátios e quadras esportivas são dominados quase que exclusivamente por meninos, portanto, há uma imposição dos valores e poderes patriarcais. Meninas são afastadas das práticas esportivas escolares por questões culturais, tendo em vista que o comportamento está diretamente arrolado com a questão dos gêneros e dos papéis que são atribuídos socialmente a eles. (...) (GARCIA, 2022, p, 6)

Não somente os esportes são divididos na escola, isso se reflete também no gosto pelas disciplinas e associação de meninas e meninos a sua preferência por diferentes áreas das ciências. Por estarem associadas a exercícios, trabalhos braçais e menos sofisticados, as aulas de matemática e ciências da natureza são vistas como campos masculinos. As ciências humanas e as áreas da linguagem são

associadas a feminilidade por precisarem de calma, dedicação, silêncio e trabalho mais minucioso e detalhista.

Nos espaços físicos, o pátio fica dividido no espaço da corrida e das atividades físicas, reservado aos meninos, e os bancos e áreas de “conversa” às meninas. Banheiros e vestiários são construídos para serem coletivos e acabam se tornando um problema principalmente para aqueles que não performam o gênero de acordo com o estabelecido como padrão.

Toda essa dinâmica no interior da escola, afeta diretamente meninas e meninos na sua percepção de futuros possíveis e acaba interferindo na participação nas aulas, em projetos, no interesse em fazer cursos sejam de formação profissionalizante ou do ensino superior, estando diretamente ligados a presença de diferentes corpos ocupando espaços diversos de estudo e, conseqüentemente, de trabalho.

Acosta (2019) aponta que

O cerceamento do direito de utilizarem nomes sociais, frequentarem o banheiro de acordo com o gênero auto identificado, docentes que se abstêm ou compactuam com violências verbais por meio de ‘piadas’, dentre outros, fazem com que a escola se torne um não-lugar para gays efeminadas, lésbicas masculinizadas, transexuais masculinos e femininos e travestis. (P.84)

Diversas pessoas relatam violências que sofreram ao usar os banheiros e vestiários da escola. Ainda existe uma discussão recente sobre o uso destes espaços por pessoas transexuais. Na escola, isso envolve também as famílias por serem menores de idade, precisam da autorização dos familiares para uso do nome social, uso de banheiros e mudança do gênero no registro escolar.

Ou seja, além da própria escola, a família é importante nesta formação. Apesar da discussão sobre gênero e sexualidade na escola não ser uma discussão recente, vemos que, em alguns casos, a família vai competir com os ambientes escolares, mesmo com seus mínimos esforços, em superar certos preconceitos. Arroyo (2014) afirma

Há esforços de coletivos de educadores, porém o sistema não consegue superar as representações negativas, extremamente preconceituosas das suas famílias e coletivos de origem e de seus movimentos. Resulta ainda mais difícil mexer no sistema escolar, nas suas lógicas estruturantes, seletivas, inferiorizantes, reprovadoras, impregnadas dos imaginários negativos que pesam sobre os setores populares. Por que pouco se avançou em desconstruir a forma escolar, as estruturas temporais,

curriculares gradeadas, os níveis segregadores onde a estrutura cultural de representações inferiorizantes dos grupos populares se manifestou. A estrutura escolar segregadora dos diferentes reproduz preconceitos, inferiorizações que são estruturais e estruturantes em nossa história. (p. 127-128)

Aqui percebemos os papéis da família e da escola na reprodução dos padrões heteronormativos. York (2018) também aborda este assunto comentando que:

Sendo o ensino a maneira pela qual o conhecimento é “provocado”, sendo este a produção de significados, é como conseguimos melhorar nosso intelecto e enriquecer nossa cultura e clareza sobre as coisas da vida e a educação refere-se aos valores humanos e sociais. Ambos perpassam pela socialização do indivíduo, por sua leitura de mundo, e isso se dá na vida (casa, trabalho, espaços múltiplos e escola é parte disso), talvez por isso ao perceberem se instrumentos de censura, aqueles alunos se percebam extensão de estruturas familiares que por ali crescem. (p.4)

Nas convivências com as responsáveis, nas relações entre docentes e discentes, nas brincadeiras no pátio, na TV, nos filmes, nas revistas, nos desenhos animados, nas músicas, nos sites de relacionamento, nas brincadeiras, nos brinquedos, nas histórias, e em outras situações do cotidiano, somos atravessadas por discursos que definem, determinam o que é ser masculino e o que é ser feminino. Vivemos em uma sociedade engendrada pelas relações de gênero e sexualidade que refletem nas produções culturais e nas narrativas que construímos acerca do mundo e de quem somos.

Aqui notei pistas de que muitos discursos naturalizados pela escola, violentos e preconceituosos, estiveram presentes em todo percurso escolar, mas não tinham sido vistos sob essa ótica. Assim, além de revisar tais discursos para minha própria prática, passei a questioná-los dentro dos ambientes escolares. Percebi que alguns sofrem muito mais que outros na escola, mas por questões que até então não haviam me alcançado.

2.2 “*Mudei de escola e de turno porque não podia contar pra minha família que eu sou gay. Fingi até poder sair de casa*”³⁰ – a família e a escola e as violências durante a pandemia

O processo de influência das famílias no ambiente escolar não é recente e veio ganhando corpo com o retorno de discursos conservadores na mídia e no cotidiano da sociedade, ecoando o discurso conservador do ex-presidente do Brasil e seus apoiadores, principalmente da bancada fundamentalista cristã do Congresso Nacional. Assuntos como doutrinação comunista, ensino de ideologia de gênero e *homeschooling* dão força para a interferência da família na prática e nos cotidianos escolares.

A ofensiva de lideranças religiosas e setores conservadores na educação brasileira através da temática de gênero e orientação sexual mobilizou inúmeros segmentos sociais e afetou o imaginário social através das “ameaças” que a presença desses temas na escola representaria para as famílias, para as crianças e para nossa sociedade. [...], por conseguinte, entendemos ser fundamental identificar quais foram os principais argumentos utilizados por esses agentes para sustentar esses discursos e suscitar o pânico moral em diversos segmentos sociais. [...]No que se refere às alegações construídas e expostas nesse cenário recentemente, destaca-se a ideia de que a escola ao abrir espaço para a discussão desses temas estaria incentivando a desconstrução de uma suposta ordem natural tanto para os papéis a serem desempenhados por homens e mulheres quanto no exercício de suas sexualidades. (MENDONÇA & MOURA, 2019, p. 207).

Durante os anos de 2020 e 2021, com o uso das plataformas para a interação remota de ensino utilizada no período da pandemia da Covid-19, percebemos como as famílias acabam exercendo sobre as pessoas forte influência e nós professoras e professores fomos atacados diretamente pela ação das famílias, que denunciavam às escolas assuntos dos quais discordavam.

No que chamo de *patrulha parental*, fomos monitorados durante nossas aulas e interrompidos quando os familiares, que assistiam nossas aulas junto com suas filhas e filhos, não gostavam do que era abordado ou discutido. Tal patrulha acontecia com diversos assuntos, mas sobretudo nos que geram tensões sociais como: racismo, intolerância religiosa e homofobia.

³⁰ Fala de um aluno sobre como concluiu o Ensino Médio.

A *patrulha parental* utilizou as ferramentas tecnológicas para gerar medo em professoras e professores, em especial das Ciências Humanas, de serem processados. Aulas gravadas, debates e falas fora de contexto e uma frequente tentativa de desestabilizar, promovidos pelo movimento do Escola Sem Partido (ESP)³¹, que incitava a ação mais direta desses responsáveis e familiares.

Essa atmosfera contrária à educação que promove igualdade de direitos e combata discriminações de raça, classe e gênero — tendo como principal alvo público a população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intergênero, Assexual, e outros grupos e variações de gênero e sexualidade) — acabou estimulando perseguições a professoras, professores, estudantes e instituições de ensino. Isso prejudicou as relações entre docentes e alunas(os) e entre escolas e famílias, e favoreceu a censura e autocensura nas instituições de ensino. (PESSOA, 2022, s/p)³²

O ambiente físico da escola garantia que as discussões pudessem ser feitas e provocassem nas alunas e alunos inquietações acerca de uma normalização das existências. A pandemia manteve pessoas, que antes possuíam um ritmo de vida externo a casa, conectadas pelo isolamento, obrigando-as a convivência pelas redes sociais. Situações de violência, opressão, depressão, ansiedade etc. emergiram e quando essas alunas e alunos voltaram para o ambiente escolar diversas questões obrigaram a comunidade escolar a estudar e entender temáticas que ela escolhia, muitas vezes, não lidar.

O chefe da ONU, António Guterres, pediu medidas para combater o “horível aumento global da violência doméstica” dirigida a mulheres e meninas, em meio à quarentena imposta pelos governos na resposta à pandemia da COVID-19. Em uma referência aos seus repetidos pedidos de cessar-fogo em conflitos em todo o mundo, o secretário-geral da ONU lembrou que a violência não se limita ao campo de batalha e que “para muitas mulheres e meninas, a ameaça parece maior onde deveriam estar mais seguras: em suas próprias casas”. A combinação de tensões econômicas e sociais provocadas pela pandemia, bem como restrições ao movimento, aumentaram dramaticamente o número de mulheres e meninas que enfrentam abusos, em quase todos os países.³³

Com a escola precisando olhar para estes indivíduos na sua subjetividade, questões como gêneros, sexualidades, racismos, assédios apareceram com mais

³¹ O Escola Sem Partido é um movimento surgido em 2004 e que ganhou notoriedade a partir de 2014 com uma tentativa de alteração no artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996) ao incluir um dispositivo que se refere ao respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando prioridade aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação sexual, moral e religiosa.

³² Disponível em: <https://catarininas.info/caca-as-bruxas-na-educacao-brasileira/>. Acesso em: 04/01/2022.

³³ Disponível em: <https://www.naosecale.ms.gov.br/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em 06/01/2023.

frequência nas pautas cotidianas das escolas. Além disso, notícias de diversas escolas informavam sobre a multiplicação de casos de violência e intolerância por parte de alunas e alunos.

Para Flávia Vivaldi, além da privação do convívio devido ao isolamento social, que separou os estudantes do ambiente escolar e da convivência com os pares, o crescimento da violência doméstica durante o período pandêmico tornou-se parte da rotina de muitas crianças e jovens de todo o Brasil. “Quando uma criança ou adolescente passa por um período muito longo de incerteza e convívio com a violência, isso gera um trauma quase que crônico. Quando eles retornam para escola é como se tivessem vivendo toda aquela insegurança. Essas experiências traumáticas trazem a sensação de continuidade desse processo de sofrimento emocional, de angústias”, explica a especialista. Uma das consequências desse processo, segundo ela, é a sensação de hipervigilância, que se torna um escudo para o estudante. “Eles agem como se estivessem em constante perigo, e aí acontece a agitação e a agressividade. É como se o mundo estivesse contra eles”, ressalta. “E, quando eu estou vigilante para essas questões, também não tenho uma resposta positiva em relação ao trabalho com o conhecimento”, completa. (MELO, s/d, s/p.)³⁴

Parece que escolher não tratar certos assuntos não está mais na alçada de muitas escolas, pois os assuntos alcançaram o espaço escolar muito rapidamente pós-pandemia. Estamos falando também de um uso massivo das redes sociais. Veja que não estamos argumentando sobre o uso das tecnologias da comunicação como a internet, mas sim das redes sociais.

Essas questões se atravessam de maneiras que ainda estamos estudando. Diversos estudos já mostram o quanto as redes sociais têm afetado a saúde mental de crianças, adolescentes e jovens. Ao temos um maior uso delas e uma situação de pandemia (isolamento, falta de perspectiva de futuro, desanimo, depressão etc.), como podemos superar e encontrar na escola o lugar de acolhimento?

(...) percebemos que as redes sociais não controlam somente o comportamento e o tempo, mas influenciam, também, e cada vez mais, no autoconceito (imagem ou ideia que o indivíduo faz de si mesmo), na autoimagem (descrição que a pessoa faz de si, da forma como ela se vê) e na autoestima (a qualidade, o valor que o indivíduo se dá em relação ao que acredita ser) das pessoas. Uma baixa autoestima pode levar o indivíduo a desenvolver uma desvalorização de si mesmo pode provocar, entre outras questões, insegurança, perfeccionismo, sentimento de inadequação, constantes dúvidas, grande necessidade de aprovação e reconhecimento, baixa capacidade de reagir a frustrações e por vezes até depressão. (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2021, p. 8)

³⁴ Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/21354/como-o-aumento-da-violencia-nas-escolas-afeta-o-professor?__dPosclick=POUMf.DX7y.cfda. Acesso em 06/01/2023.

As redes sociais além de difundirem informações em alta velocidade implicam em uso indiscriminado pelos usuários que podem se esconder atrás de um nome fictício e inventar situações, disseminar violência, *fake news*³⁵, mensagens de ódio, perfis de pseudocelidades fazendo exercício ilegal de profissões diversas, além do uso do algoritmo de forma legitimada pelas plataformas para fortalecer os padrões corporais estipulados pela sociedade.

Temos vivenciado uma quantidade crescente de adolescentes e jovens nos EUA que estão desenvolvendo depressão por causa do Cyberbullying³⁶ ou por não conseguirem lidar com a falta de aprovação e reconhecimento de suas imagens nas redes sociais. Muitos deles acreditam que não conseguem atingir o alto grau de exigência das aparências físicas presentes em redes, como o Instagram, Facebook, Twitter, etc. E, em função disso, muitos têm cometido suicídio. (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2021, p. 9)

A taxa de suicídios agora é maior que a de homicídios entre adolescentes e jovens dos Estados Unidos. A mudança ocorreu por volta de 2010 e, desde então, a diferença continua a crescer, segundo relatório do governo norte-americano. Em 2017, o suicídio foi a segunda principal causa de morte, depois de acidentes, para todas as faixas etárias de jovens – 10 - 14, 15 - 19 e 20 - 24 - alcançando um recorde naquele ano, de acordo com o Centros de Controle e Prevenção de Doenças. De 2007 a 2017, a taxa de suicídios entre indivíduos entre 10 e 24 anos aumentou 56% - um ritmo anual de 7%. Oren Miron, da Universidade Harvard, especialista em bioinformática, observou que o maior uso de mídias sociais, ansiedade, depressão e lesões autoinfligidas podem estar contribuindo para o aumento de suicídios de jovens, segundo paper publicado em meados do ano na revista *Journal of the American Medical Association* (TANZI, 2019, p.1)

Segundo Sepulveda & Sepulveda (2021), no Brasil o cenário não é muito distinto. Teve aumento no número de suicídios entre adolescentes e jovens, alguns dos motivos estão relacionados à depressão, à baixa tolerância a frustrações e ao alto grau de cobrança em relação à autoimagem, estimulada pelas redes sociais. Pesquisas elaboradas na Universidade Federal de São Paulo dão pistas que, entre

³⁵ Segundo Alves e Maciel (2020, p. 147-148), a expressão “fake News” [...] ganhou fama a partir de 2016 após dois fenômenos de grande repercussão na política internacional, quais sejam, o processo de saída do Reino Unido da União Europeia e a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos da América. A ideia básica que permeia a menção aos termos ‘fake news’ é a da existência de uma era de rápida velocidade de produção e circulação da informação. Em suma, as formas tradicionais de organização, seleção, classificação e exclusão discursivas são colocadas em xeque em um ambiente no qual parece não haver mais qualquer autoridade estabelecida, ou seja, no qual qualquer um pode dizer qualquer coisa sobre qualquer assunto da maneira que bem entender. A informação pode vir de qualquer fonte e sem nenhum critério, com potencial de se espalhar, de manipular as emoções e de realizar influência destrutiva e determinante na população, capaz talvez de definir os rumos das democracias contemporâneas [...]”.

³⁶ Cyberbullying é o bullying realizado por meio das tecnologias digitais. Pode ocorrer nas mídias sociais, plataformas de mensagens, plataformas de jogos e celulares. É o comportamento repetido, com intuito de assustar, enfurecer ou envergonhar aqueles que são vítimas. Exemplos incluem: espalhar mentiras ou compartilhar fotos constrangedoras de alguém nas mídias sociais; enviar mensagens ou ameaças que humilham pelas plataformas de mensagens; se passar por outra pessoa e enviar mensagens maldosas aos outros em seu nome (UNICEF, s/d, p1).

2006 e 2015, houve um aumento de 24% nas taxas de suicídio entre adolescentes e jovens. Assim, o Ministério da Saúde lançou, em 2017, um Boletim Epidemiológico de Tentativas de Suicídios e Suicídios Consumados no Brasil.

Com a escola acontecendo em casa, o acolhimento que deveria ocorrer entre todos, assim como a possibilidade de discutir assuntos como sexualidade e gênero foi limitado, dificultando que esses assuntos pudessem ser trabalhados. Claro que as escolas atuam de diversas formas e existem experiências positivas que serão responsáveis por diversas alunas e alunos LGBTQIA+ terminarem de forma menos traumática seu ensino básico, mas não podemos deixar de pontuar que o ensino remoto interferiu de várias maneiras nas práticas de ensinar e aprender.

Também precisamos enfatizar que tal interferência já acontecia antes da pandemia, pois muitas escolas tinham dificuldades de trabalhar as questões de gêneros e sexualidades. Muitas dessas instituições deixavam esses assuntos de lado se recusando a trabalhá-las.

2.3 “*Apanhei na escola e os professores sabiam e não faziam nada*”³⁷: a escola na dualidade entre acolhimento e violência

Existe uma vasta literatura de como muitas escolas se tornaram lugares hostis e de violência para as sexualidades e experiências de gênero que fogem a heterossexualidade vista como norma (PERES, 2010; BENTO, 2011; SEPULVEDA, 2012; SALES & PARAÍSO, 2013). A frase dita por um aluno na nossa conversa não é um caso isolado. Mesmo assim, ainda não conseguimos extrapolar as discussões no ambiente escolar. De fato, existe uma agenda de retrocesso que ao colocar o assunto no centro, o coloca na intenção de excluí-lo das discussões formais do currículo escolar.

As justificativas para as desigualdades sociais precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (LOURO, 2008, p. 22)

³⁷ Frase dita por Rômulo, aluno do PreparaNem em entrevista dada para esta pesquisa em setembro de 2020, de forma remota, em plena pandemia da COVID-19.

A ideia de que a escola não pode abordar a sexualidade – assim como as questões de gênero – não atinge somente às crianças e adolescentes. Na formação docente é possível ver a ausência e receio na abordagem desses assuntos, assim contribuindo para o silêncio daquelas pessoas que estão em sala de aula com a tarefa de educar. Dessa forma, vemos professoras e professores fingindo que a sexualidade não existe na tentativa de fazer o assunto desaparecer.

A maioria de nós, professoras e professores, tem dificuldade em lidar com o tema da sexualidade em sala de aula. Em geral, essa questão é um tabu e muitas vezes não é discutida. Para muitas professoras e muitos professores “os corpos na escola não têm desejo, não se vinculam a prazeres eróticos e, na verdade, não existem como forças constitutivas de quem somos nas práticas sociais” (LOPES, 2008, p. 125). Nós, profissionais da educação, fomos treinados para ignorar o corpo e seus prazeres na educação, já que somente a mente ou o cognitivo é que deve ser objeto de nossa preocupação. (SEPULVEDA, 2012, p. 186)

O maior problema deste silêncio é que ele é seguido de uma pseudoneutralidade nas disputas que ocorrem nas salas de aula, e também fora dela, e provoca violência contra aqueles que não correspondem a um padrão esperado pela sociedade. Sabemos que isso não é universal e nem acontece em todas as escolas, mas os relatos de diversos casos, demonstra certa recorrência.

Cúmplices da violência, de valores e padrões de comportamentos hegemônicos, professores e professoras não se posicionam por diversos motivos. Seja desconhecimento, preconceito ou medo, acabam perpetuando violências e estigmas criados e replicados na escola. Sendo assim, todas aquelas pessoas que não apresentam comportamentos padrão são rotulados como “estranhos”, “diferentes”.

Louro (1997) aponta “a negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às ‘gozações’ e aos ‘insultos’ dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos (p.68)

Miskolci (2014) indica esse posicionamento como “mito da neutralidade”, assim:

Marcar alguém como estranho é a forma que encontram para defender o mito da neutralidade da escola em matéria de sexualidade. Esse mito só serve à manutenção das normas sociais, o que costuma acontecer por meio da reprodução escolar das formas consideradas adequadas de ser e de se comportar.
[...]

Na verdade, o que se estabelece no espaço escolar é algo mais complexo e violento do que pode parecer à primeira vista. A identificação e a classificação dos “estranhos” revelam a certeza de que as crianças e jovens aprenderão a ser “normais” não apenas por meio de bons exemplos, mas também pelo reconhecimento e pela rejeição daqueles que constituem “maus exemplos” (p.80)

Esse processo de exclusão escolar atinge de maneira contundente as pessoas LGBTQIA+, principalmente aquelas que aparentam fisicamente um desvio do padrão heterogeneronormativo visto pela sociedade como natural. O autor ainda completa o pensamento e afirma que “a instituição que em tese deveria educar, respeitando particularidades e de forma a contribuir para uma sociedade mais justa, termina por ensinar a dissimulação, a obrigação a rejeitar em si tudo o que os diferencia da maioria” (p.81)

Pessoas LGBTQIA+ experimentam processos de exclusão escolar desde muito cedo, devido ao forte preconceito que persiste, uma vez que os seus corpos não se conformam com a heteronormatividade vista como natural. A produção de “seres *abjetos* e poluentes” (BENTO, 2011, p.554) é fundamental para garantir a reprodução da heteronormatividade.

Como profissionais da educação costumam testemunhar, são meninos femininos, meninas masculinas, pessoas andróginas, ou que adotam um gênero distinto do esperado socialmente, que costumam sofrer injúrias e outras formas de violência no ambiente escolar. (MISKOLCI, 2017, p. 33)

York (2020) relata de que maneira o mito da neutralidade contribui para a manutenção da violência no ambiente escolar.

Em alguns momentos, durante as explicações dos professores/as/xs, era recorrente que muitos colegas de classe me xingassem ou fizessem “brincadeiras de mão”, enquanto o professor dava sua aula, isso é recorrente em narrativas trans/travestis na escola. Muitas vezes, fui embora para casa sem compreender nada do que estava sendo explicado porque era corriqueiro que os meninos e algumas meninas se revezassem durante tais brincadeiras onde um único alvo existia: era a transfobia, disfarçada de bullying, que outrora era lida pela escola (e grupo responsável por ela) como brincadeira. Em forma de violência física e verbal, a prática era, e ainda hoje é silenciada por professores e gestores. (p.73-74)

A escola ainda não consegue superar a heteronormatividade e o binarismo homem-mulher/feminino-masculino. Ao pensar nos currículos, as questões das sexualidades e dos gêneros precisam estar também no entendimento da natureza das discussões relacionadas as disciplinas. Nosso ensino-aprendizado passa pelos fundamentos da sociedade que está imersa nessa normatividade. Sobre isso, ressalto:

Essas classificações reafirmam a bipolaridade – se você é uma coisa, não pode ser outra – como um chamado à identificação. No caso da identidade de gênero, desde a infância os sujeitos são ensinados a se enquadrar em padrões normativos, demarcando fronteiras do que é esperado ou não de uma menina ou menino. Esses corpos são vigiados pela sociedade (família, escola, mídia), de forma a não apresentar ambiguidades e se ajustar a comportamentos percebidos como normais (MISKOLCI, 2014. p. 61)

A diferença binária da orientação sexual e de gêneros expressa de forma fechada na qual pessoas só podem se encaixar dentro de uma delas e tudo que foge desta binaridade é considerado uma ruptura da ordem natural. E a escola é ainda o ambiente que reproduz essa lógica de forma sistemática. Mesmo com vasta literatura que aponta que nada tem de natural esta divisão, e sim passam pela construção social.

Ouvi de alguns alunos gays que eles haviam sofrido violência física na escola, assim como o relato do Rômulo em nossa conversa que deu título a esta seção, mas não havia tido o mesmo relato das minhas alunas transexuais que conversaram comigo e me perguntei porque a violência era direcionada somente aos meninos. Ao questionar a Bruna Benevides (uma das fundadoras do PreparaNem), ela atentou para o fato de meninos afeminados sofrerem mais violência e que pessoas trans passam a desenvolver outras estratégias para sobrevivência no ambiente escolar.

E porque meninos afeminados sofrem mais violência? Por estarem abdicando do seu lugar de privilégio, adotando posturas vistas como femininas, “de mulher”. E porque isso gera processos mais agressivos? Guy Hocquenghem³⁸ (2009) sublinhou: “‘A mulher’, que por outro lado não tem como tal nenhum lugar na sociedade, designada como o único objeto sexual social, é também a falta atribuída à relação homossexual” (p. 54).

Problematizar os estabelecidos contornos das normas de gênero e sexuais, é acompanhar o movimento de Preciado (2013, s/p.) para discutir a condição que crianças e adolescentes encontram ao experimentar, vivenciar e produzir suas representações de gênero, suas percepções sexuais e as práticas que constituem suas formas de agir no mundo, o objetivo é que crianças e adolescentes sintam-se no direito de serem “subjetividades políticas” que não são reduzidas às referências de gênero e sexualidade (TAKARA 2017 p 12)

³⁸ Guy Hocquenghem (2009) fala sobre a mulher analisando a partir da perspectiva freudiana. Em “ódio contra as mulheres” ele aponta as diversas maneiras sobre as quais as mulheres são culpabilizadas pelo desejo homossexual, ou pelo não desejo. Para aprofundar os estudos a partir da perspectiva freudiana, recomendo a leitura do livro “O desejo homossexual” (*Le désir homosexuel*, 1972).

De fato, as alunas trans haviam relatado diversas estratégias de garantirem não sofrer violência, seja com a popularidade ou a agressividade, elas conseguiam desviar dessas agressões. Lembro que uma aluna trans sofreu violência física na rua, foi apedrejada por um vizinho, mas a escola era um “lugar seguro e acolhedor”³⁹. Essas estratégias existem para todos adolescentes, mas percebo maior frequência nas pessoas LGBTQIA+.

São estas experiências de abjeção (violências físicas e verbais, rejeição etc) que fazem com que diversas pessoas estabeleçam com as escolas e demais espaços educacionais – assim como com muitas as pessoas envolvidas com a educação – uma relação de repulsa, traumatizadas pelas violências sofridas. Várias pessoas vão ser expulsas da escola muito cedo.

As lacunas na escolarização limitam suas oportunidades de acesso ao conhecimento considerado legítimo, e, mais tarde serão utilizadas para deslegitimar seus discursos por não se encaixarem no vocabulário tido como aceitável. O ambiente escolar pode ser visto como instrumento de reprodução hegemônica, mas também de instrumentalização para a cidadania, dando aos indivíduos vocabulário (SPIVAK, 2010) para reivindicar, serem ouvidos. “Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 1996, p. 37).

³⁹ Palavras da mãe ao relatar a violência sofrida e agradecer o acolhimento.



3 AS MANA, AS MINA, AS MONA, AS KIKIKI, AS GAY, AS TRANS E O CLOSE DE MILHÕES DO PREPARANEM COMO MOVIMENTO EDUCADOR

Em uma sociedade que valoriza a formação acadêmica, e que hoje usa a questão gênero-classe-raça para separar os indivíduos, é importante que estas pessoas tenham os instrumentos necessários à demanda de reconhecimento. As aulas do PreparaNem conseguiam oferecer às pessoas possibilidades de ver nos seus conhecimentos de vida reflexos nos conhecimentos acadêmicos, fazendo com que a vontade de estudar fosse maior.

Falar de saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. Mais do que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as “verdadeiras” e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas (Pelúcio, 2012. p.399)

Paulo Freire (1996) afirma que o saber popular precisa dialogar com o saber acadêmico. A teoria em si não constrói identidades, mas nos ajuda a enunciá-las e, às vezes, afirmá-las politicamente. A autora bell hooks (1995) vai apontar que “o trabalho intelectual é uma parte necessária na luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes” (p.466).

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições espaços - temporais, introduz-se nelas, de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço - temporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais. (FREIRE, 1981, p. 61)

Então qual seria o papel dos espaços de educação senão fornecer as possibilidades materiais destes indivíduos garantirem sua possibilidade de enunciação e construção de ciência, um discurso através das suas vivências? Seria possível que estes espaços dialoguem com as diferenças? Louro (2001) comenta sobre a pedagogia queer apontando que

Uma pedagogia e um currículo queer se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionados, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou

étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocar em discussão as formas como o 'outro' é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam. (LOURO, 2001. p.550)

Entender a escola como uma instituição que reproduz discursos e comportamentos da sociedade é importante para não perpetuar mecanismos de exclusão, discriminação, cerceando o potencial transformador da educação. Por meio de quais processos econômicos, sociais e culturais nós fomos transformando diferenças em desigualdades?

É possível afirmar que a escola, o sistema de ensino e todas as pessoas que fazem parte dele têm historicamente dificuldades em lidar com a questão das diferenças. Essa dificuldade é reflexo da sociedade a que pertencemos e de sua lógica cultural excludente. Ao mesmo tempo, também é possível afirmar que a exclusão da pauta das diferenças ou da vivência dentro das escolas se constitui igualmente a partir da falta de formação de professores(as) e funcionários(as) da instituição para lidar com essas questões. (VENCATO, 2014. p. 20-21)

Não se constitui primeiro uma diferença e depois uma sociedade injusta e desigual. Existem diferenças de caráter étnico, linguísticos, de gênero, de idade, que não necessariamente estão condicionadas pelas desigualdades, mas diferenças que são justamente provocadas pelas desigualdades, pelas relações entre diferentes.

Pelúcio (2009) aponta que os ditos diferentes, chamados de minorias de maneira a minorar suas demandas, passam a requerer reconhecimento, legitimidade e passam a ir almejando cada vez mais viver “vidas habitáveis” (BUTLER, 2006). As questões de gênero, não estão ligadas à sexualidade, como entende uma corrente do feminismo, avançam nos estudos a partir da teoria *queer*.

Apesar de tudo, é importante ressaltar que a escola ainda é o espaço de convivência no qual as pessoas em formação encontram as diferenças de forma mais plural, essa contribuição está presente em nossa constituição enquanto sociedade e vale

pensar aqui em uma ideia de diferença que vai além de seus significados de hierarquia e opressão – e aqui retomamos a ideia de riqueza de que já havíamos falado. A diferença, a depender do contexto em que opera, pode levar sim a estados de opressão, mas em outros contextos leva também a estados de igualitarismo, diversidade e a modos democráticos que informam a ação política de um grupo ou indivíduo. (VENCATO, 2014. p. 24)

É nesse entendimento dialético entre ultrapassar os espaços heteronormativos e fazer parte destes espaços que a iniciativa do PreparaNem se estabelece. O “Prepara, Nem!” surgiu sob esse nome em 2015, no Rio de Janeiro, em uma proposta de quatro pessoas, sendo três delas travestis, para criar possibilidades de acesso da população travesti e transexual à universidade através do ENEM.

Reproduzo aqui um trecho de reportagem que aborda o contexto de criação do curso:

O PreparaNem começou como um projeto de pré-vestibular auto organizado e auto-gestionado, mas se desenvolveu em uma rede de pessoas T, para além do vestibular, que conta com apoio de voluntários. Sua base é feita por e para travestis, transgêneros, transexuais e LGBTIA em situação de vulnerabilidade social e preconceito de gênero. De acordo com o INEP, em 2014 apenas 102 travestis, transgêneros e transexuais se inscreveram para o Enem utilizando o nome social. No mesmo ano, o TransRevolução contabilizou o assassinato de 120 pessoas dessa classe. Dezoito é o número que separa uma realidade da outra. "Podemos dizer que, praticamente, uma geração de Enem morre por ano. A proposta do PreparaNem é mudar essa realidade e promover cidadania e respeito LGBTIAQ+." - Indianara Alves Siqueira, travesti, prostituta, presidenta do TransRevolução e idealizadora do projeto. (O GLOBO, 2015)⁴⁰

Em Niterói, ele surgiu na sede do Grupo Diversidade Niterói, atendendo pessoas em situação de vulnerabilidade social, com foco em travestis e transexuais, o projeto vai além de fornecer formação, mas se configura num espaço de resistência e ressignificação da sala de aula.

Não só metaforicamente, a sala de aula ganha uma nova forma, diferente da sala de aula clássica, como vimos na introdução deste trabalho (figura 2). No PreparaNem, ela também possibilita uma nova relação entre as pessoas. Toda essa nova forma de ver e viver a sala de aula transforma a experiência discente-docente. Imprescindível entender que para além de ser professor, cada voluntário faz parte do

⁴⁰ Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/07/curso-preparatorio-para-o-enem-reune-transexuais-e-travestis-no-rio.html> - acesso em 21/04/2021.

movimento social LGBTQIA+, contribuindo de alguma maneira tanto para a ressignificação da experiência com a educação, quanto para a inserção das pessoas em novos espaços que foram negados.

Essa ressignificação do espaço e das relações com aqueles que pensam educação é fundamental para transformar as experiências vividas até então, pois

Pessoas transexuais e travestis são expulsas de casa, não conseguem estudar, não conseguem emprego, são excluídas de todos os campos sociais, entram na justiça para solicitar a mudança do nome e do sexo; enfim, um conjunto de instituições sociais é posto em ação toda vez que alguém afirma: “não me reconheço nesse corpo, não me identifico com o gênero imposto; quero uma cirurgia corretiva do meu sexo, não suporto esses seios que me aprisionam ao destino materno; quero mudar minha identidade civil”. Essas anunciações reverberam nas instituições como sentenças proferidas por uma pessoa transtornada, sem condições de significar suas dores. (BENTO, 2011, p 549)

Pensar o corpo também como um espaço que reproduz a hegemonia, e que, se não estiver na conformidade, passa a suscitar higienização, é importante para entender a subordinação, a marginalização de corpos abjetos⁴¹, diferentes.

Esses corpos abjetos foram silenciados no transcorrer da história. Foucault apresenta uma discussão sobre esse conjunto heterogêneo de conhecimentos silenciados historicamente por densas relações de poder e que foram desqualificados, deslegitimado, em nome de um conhecimento verdadeiro, “em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguns” (Foucault, 2005, p12-13).

Arroyo (2014) afirma que

Poderia ser levantada a hipótese de que as lutas por escola e por universidade fazem parte do conjunto de lutas por espaços negados, por sua recuperação como processo de afirmação, de presenças afirmativas, de reconhecimentos enquanto coletivos não mais inferiorizados, marginalizados, mas sujeitos de pleno direito à vida, à humanidade, à identidade, à memória e história. Sujeitos de pertencimento ao conjunto de espaços, instituições da condição humana e da cidadania plena (p. 245).

Desta forma, é importante pensar em como os mais diferentes espaços são também luta, afirmação e encontro, potenciais na produção de vidas e vivências mais possíveis. Pensar em como este espaço, que se propõe a ser um espaço de acolhimento para as pessoas LGBTI+, desperta novos tipos de saberes e novas propostas de conhecimento não heteronormativas, ou no mínimo, em um esforço de não o ser.

⁴¹ Já explicado anteriormente

Percebo que toda dimensão do PreparaNem está ligada em processos complexos que envolvem não somente a inserção na universidade, mas a ressignificação da educação, a desconstrução dos ideários de normalidade e humanização e a construção de um novo olhar sobre ensino-aprendizagem. Isso se faz necessário pois

A violência simbólica é muito sutil, não deixa marcas aparentes como a violência real, mas costuma ferir com intensidade semelhante ou até maior do que a agressão física. As marcas da violência simbólica se instalam na alma e funcionam como terroristas residentes, que atemorizam a vida das pessoas desviantes a partir de dentro delas mesmas. (LANZ, 2014, p. 257)

O espaço do PreparaNem deve ser entendido como de aprendizado para todas as pessoas envolvidas, o que para aqueles que foram formados durante anos em escolas formais e reprodutoras de uma realidade, pode ser trabalhoso. Uma pessoa que se recusa a aprender por seu “status” de professora, dificilmente se sentirá confortável e conseguirá contribuir de forma genuína. Pinto (2020) traz uma leitura do espaço, a partir da perspectiva foucaultiana que se adequa ao lócus da minha pesquisa.

Podemos afirmar que a noção de espaço, do ponto de vista do posicionamento, alia-se a uma outra questão a ser considerada para sua configuração: a existência dos sujeitos que o compõem e se compõem com ele. Esses sujeitos possuem papel ativo na constituição desses espaços. Mais do que um habitar, ele pressupõe uma ação na produção dos espaços, que estão presentes nas relações de vizinhança, na circulação, na classificação de elementos para se chegar a um fim. (p.56)

É preciso antes de tudo querer e entender ser preciso se transformar para transformar o mundo. Nisto Louro (1997) afirma

Mas, não há como negar que a disposição de questionar nosso próprio comportamento e nossas próprias convicções é sempre muito mobilizadora: para que resulte em alguma transformação, tal disposição precisará ser acompanhada da decisão de buscar informações, de discutir e trocar ideias, de ouvir aqueles e aquelas que, histórica e socialmente, foram instituídos como “outros”. (p.141)

É importante dizer que meus questionamentos sobre as questões de gêneros, das sexualidades e da educação se deram após eu entender sobre os meus privilégios de ser uma mulher *cis* branca na sociedade brasileira. Nada disso teria sido possível se não houvesse um questionamento sobre branquitude que vinha anterior a minha experiência no PreparaNem e a compreensão do privilégio que me cercava.

Os privilégios de acesso e permanência nas instituições de ensino, nos variados níveis e modalidades que cursamos, assim como o ingresso no mercado de trabalho que angariamos ao longo de nossas vidas, formações e trajetórias, são elementos que utilizamos para estabelecer conceitos que podem potencializar o tão desejado e propalado Direito à Educação, cujas lacunas ainda persistem na nossa realidade e acabam por escancarar, por exemplo, as falácias tanto da democracia racial quanto da igualdade de gênero. As mulheres negras, por exemplo, sempre sofreram racismo e, decorrente deste, opressões variadas. Estas opressões, por mais que não tenham sido experienciadas por nós, em razão de nossa branquitude e outros privilégios circunstanciais, tem centralidade nas nossas vidas, seja na militância, seja na nossa atuação acadêmica, em docência, pesquisa e extensão. Queremos uma Universidade cada vez mais enegrecida, lesbianizada, bissexualizada, transsexualizada, não heterossexual e onde as religiosidades todas possam caber, tanto como saberes quanto como expressões dos sujeitos que as conhecem. (AUAD E SEPULVEDA, 2022, p. 189)

O questionamento que o feminismo negro já havia me alcançado foi somado ao transfeminismo. Todos esses questionamentos me encontraram e a partir disso pondero como a vida de estudante e a formação de docentes cria uma forma de ser e de estar nestes espaços para aquelas pessoas que decidem ser professoras.

Em boa parte dos meus escritos sobre pedagogia, sobretudo em salas de aula de grande diversidade, falei sobre a necessidade de examinar criticamente o modo como nós, professores, conceituamos como deve ser o espaço de aprendizado. Muitos professores universitários me confessaram seu sentimento de que a sala de aula deve ser um lugar 'seguro'; traduzindo, isso em geral significa que o professor dá aula a um grupo de estudantes silenciosos que só respondem quando são estimulados. A experiência dos professores universitários que educam para a consciência crítica indica que muitos alunos, especialmente os de cor, não se sentem 'seguros' de modo algum nesse ambiente aparentemente neutro. É a ausência de sentimento de segurança que, muitas vezes, promove o silêncio prolongado ou a falta de envolvimento dos alunos. (hooks, 2017. p.56)

Como estas experiências constroem espaços de fala ou silêncio? Espaços de acolhimento ou abjeção? Espaços de prazer ou de repulsa? Espaços de aprendizado ou de desconhecimento? Por fim, espaços que funcionarão como estímulo a inserção em outros espaços, mostrando novas possibilidades de vida ou poderão reproduzir todas as violências sociais, físicas, psicológicas que limitará as vidas vividas?

3.1 “*o prepara me ajudou a me conhecer melhor e conhecer outras pessoas como eu. O prepara me salvou*” – a experiência do PreparaNem

Quando falamos do PreparaNem temos que entender que ele acontece, como dito na introdução deste trabalho, dentro da sede do Grupo Diversidade Niterói (GDN), logo, ele nasce no movimento social. A presença do curso na sede do GDN marca espacialmente um ponto de resistência, mas também ocupa e integra o centro da cidade proporcionando a circulação da população LGBTQIA+, incluindo corpos que não costumam estar nestes espaços.

O PreparaNem recebe pessoas em situação de vulnerabilidade social para que elas possam realizar a conquista de fazerem seus cursos do Ensino Superior e mudar sua realidade.

Cada vez mais se torna difícil para a população de travestis e transexuais ser inserida nos espaços formais de ensino devido a projetos como o Escola sem Partido e a negação de discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas. São projetos que não reconhecem a existência de nossa população, as especificidades de nossas vidas como sendo legítimas e a possibilidade de estarmos disputando em pé de igualdade os mesmos espaços que nos vêm sendo negados historicamente pelo preconceito e pela discriminação. (BENEVIDES, 2017, s/p⁴²)

Em 2016, estávamos passando por um momento político delicado, o golpe da presidenta Dilma Rousseff acontecia em âmbito nacional, enquanto no âmbito do município de Niterói, diversas discussões viravam pauta, principalmente da educação. Era votado o plano de educação da cidade que decidia retirar os estudos de gênero e sexualidade do currículo da Educação Básica.

Esse movimento foi fomentado pelo avanço dos discursos de ódio e perseguição aos professores e do Escola Sem Partido. Em uma audiência na Câmara Municipal de Niterói, debatendo a retirada ou não das discussões do currículo, fomos com o grupo de pessoas do PreparaNem para acompanhar a sessão. Somente a nossa presença foi o suficiente para gerar desconforto em algumas pessoas e uma de nossas alunas foi agredida.

⁴² Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2017/11/diversidade-sexual-no-ambiente-educacional-por-bruna-benevides.html>, acesso em: 21/07/2022.

Também em 2016, o PreparaNem virou assunto de um documentário⁴³ produzido pelo Canal Futura que apresentava o curso para a população e trazia a importância da localização, do papel de ingresso nas universidades e da força para transformar não só a vida da população atendida, mas também de todas as pessoas que de alguma forma fossem tocadas pelo trabalho.

É importante dizer que existe muita dificuldade de o projeto conseguir investimento ou fomento regular. Em 2019, ganhamos prêmio do edital Ações Locais da prefeitura de Niterói. O dinheiro foi usado para ajudar nas despesas da sede do GDN e contribuir para a passagem de algumas pessoas.

Quando as pessoas acessam o PreparaNem, foram sensibilizadas sobre o que é e como o espaço do curso funciona. Elas têm objetivo de conquistarem sua vaga no Ensino Superior. Algumas já estavam inseridas no mercado de trabalho, outras no mercado informal e vinham direto das suas jornadas para as aulas, por isso, um dos objetivos era oferecer lanche às pessoas para que pudessem aproveitar melhor a aula, uma vez que talvez não tivessem dinheiro para se alimentar depois do trabalho.

É essencial que além de ter conhecimento da disciplina de formação, a professora ou professor tenha sensibilidade em perceber a realidade daqueles a quem irá ensinar a fim de propor maneiras e conteúdos condizentes com seu público. Conhecer a realidade da população LGBTQIA+ é fundamental para conduzir não só sua sala de aula, mas também seus estudos sobre os assuntos que serão abordados.

É importante discutir nas escolas sobre a diversidade sexual e de gênero, a fim de minimizar o *bullying* homotransfóbico, as violências físicas, simbólicas e psicológicas a que estamos submetidas. Não falamos apenas de incluir, mas fortalecer essas meninas e rapazes para que consigam se manter nas escolas e, caso desejem, na universidade. Um desafio que vem sendo conquistado através de metodologias de ensino alternativas, que trabalham a autoestima, o empoderamento e a autonomia do sujeito ao se deparar com a possibilidade, outrora perdida, de concluir o ensino superior nesses espaços que ainda hoje não estão preparados para receber nossos corpos. E é por isso mesmo que resistiremos! (BENEVIDES, 2017, s/p⁴⁴)

Não existe um perfil de idade padrão para as pessoas que frequentam o PreparaNem. Cada ano, um tipo diferente de turma é formada e com isso cabe às

⁴³ https://youtu.be/zZ4aY2_PXzY?si=DbiqF0xxuDbF9mH3

⁴⁴ Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaarte/2017/11/diversidade-sexual-no-ambiente-educacional-por-bruna-benevides.html>, acesso em: 21/07/2022.

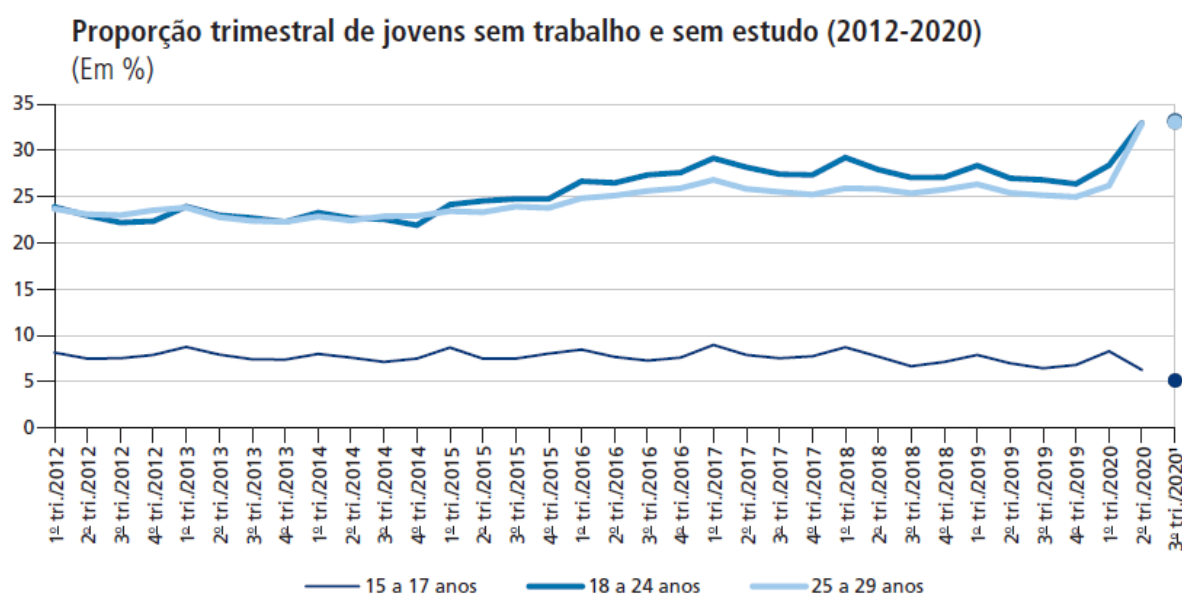
professoras e professores entenderem a dinâmica daquele grupo e criar estratégias para solucionar as dúvidas dos conteúdos durante o período de aula no ano até o ENEM.

Além disso, a realidade econômica com inflação, fome, aumento vertiginoso dos preços de alimentos básicos e combustíveis somada ao contexto pandêmico traz às pessoas a necessidade de objetivar seus sonhos a realidades possíveis imediatas tornando o sonho da graduação algo que pode ser postergado. E nesta mesma realidade, o aumento do desemprego faz com que as pessoas estejam em uma realidade que alguns chamam de “Nem Nem”: nem estudam, nem trabalham.

O perfil da população “Nem Nem” tem mudado com o passar do tempo. Ao escrever o trabalho de conclusão de curso de Geografia em 2018, os dados da PNAD Contínua, do IBGE, de 2016, apontavam que 20,5% da população entre 15 e 29 anos não estudava nem trabalhava. Hoje esse número subiu para 24%. Um dado interessante, é que mesmo em 2016, as mulheres já eram maioria no “Nem Nem”, muito disso é atribuído ao papel doméstico de cuidado atribuído a elas.

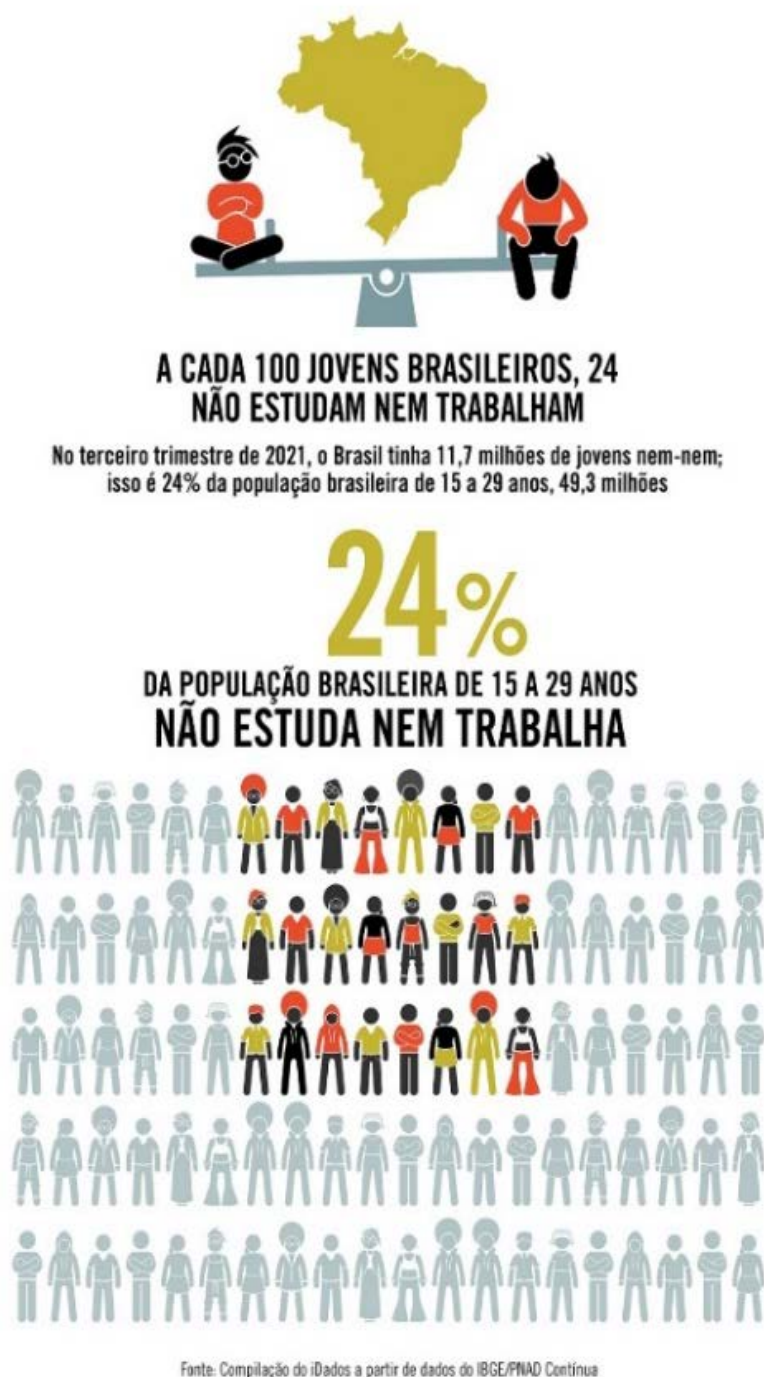
As imagens abaixo mostram o perfil mais recente traçado dessa população (Figuras 12, 13 e 14).

Figura 11 - PNAD. 2020.



Fontes: PNAD Contínua trimestral (disponível em: <<https://bit.ly/2SUu8Pl>>); e PNAD Covid-19 (disponível em: <<https://bit.ly/35YHxMI>>).

Figura 12 - Perfil da população Nem-Nem



Fonte: Revista Piauí. 28 de fev. 2022.

Figura 13 - Perfil por gênero dos Nem-Nem



Fonte: Pesquisa "Juventudes, Educação e Trabalho: Impactos da Pandemia nos Nem-Nem" da Fundação Getúlio Vargas

Fonte: Revista Piauí. 28 de fev. 2022.

Esses dados do IBGE nos trazem o panorama da educação brasileira. Em sala de aula, tais dados nos mostram turmas com pessoas de idades diferentes que

apresentam inúmeras dificuldades na aprendizagem. Muitas delas passaram pelo ciclo básico sem sequer ter contato com algumas disciplinas e sem nunca terem sido despertados para o prazer de estudar. Estudar sempre foi uma violência, uma privação de liberdade, uma obrigação.

Arroyo (2014) aponta que

Há ainda um dado que limita a criatividade docente: as condições precárias de viver de tantos adolescentes - jovens, até adultos - que chegam aos cursos de educação média. Porém, esse precário viver-sobreviver dos educandos tem instigado coletivos docentes a serem mais criativos, renovarem currículos, conhecimentos, didáticas, processos, material didático. Há um avançar tenso de reinvenção da docência e dos currículos como resposta ao precário e injusto viver dos novos educandos e educandas que acendem à educação média (p. 58)

Além da realidade espacial dessas pessoas, têm-se que levar em conta, como apontam os dados acima, a realidade material: estamos falando de pessoas que precisam trabalhar. Faço este destaque, pois grande parte das pessoas que acessam o PreparaNem ou estão em busca de trabalho ou trabalham de forma informal. A situação de vulnerabilidade que atinge a população LGBTQIA+ piorou durante a pandemia.

Segundo pesquisa feita pelo coletivo #VoteLGBT⁴⁵, os dados de 2020/2021 apontam seis em cada dez dos desempregados que autodeclararam pertencer a comunidade LGBTQIA+ (59,47%) tiveram diminuição de renda ou perderam o emprego por causa da pandemia da Covid-19. A taxa de desemprego entre as pessoas que integram a comunidade é de 17,15%, mas, quando analisadas apenas as pessoas trans, o percentual sobe para 20,47%.

Com a perda de renda causada pela pandemia, 41,53% da população LGBTQIA+ está em situação de insegurança alimentar. Em relação às pessoas trans, o percentual sobe para 56,82%. Os dados de bases como a do IBGE ou da Polícia Militar seguem com defasagem uma vez que as pessoas ocultam a interferência da identidade de gênero e sexualidade como causalidade de vulnerabilidade.

Nesse contexto é difícil pensar na sala de aula como possibilidade, lugar seguro e como retomada de ação. Para Carrano e Dayrell (2014), a juventude experimenta realidades que mesmo com os avanços sociais ainda reflete políticas públicas insuficientes para superar as desigualdades sociais. Neste caso, é

⁴⁵ <https://votelgbt.org/pesquisas>

importante fazer o esforço de ver a realidade a partir da presença e do que pertence a estas pessoas e que pode ser usado na construção objetiva do conhecimento em sala de aula.

Um exemplo claro é o sentido que os jovens pobres atribuem ao lugar onde vivem. Para eles, a periferia não se reduz a um espaço de carência de equipamentos públicos básicos ou mesmo como cenário para a violência, ambos reais. (...) surge como um *lugar* de interações afetivas e simbólicas, carregado de sentidos.

[...]

Podemos dizer que a condição juvenil, além de ser socialmente construída, tem também uma CONFIGURAÇÃO ESPACIAL⁴⁶. (CARRANO & DAYRELL, 2014, p. 119)

Usar a realidade como potência garante a professora a possibilidade de testar novas formas de abordagem de conteúdos, novas práticas e sequências didáticas e expande as possibilidades de construir salas de aula mais apropriadas para auxiliar as pessoas a retomarem o prazer de estudar, o interesse em estar no ambiente educacional.

Arroyo (2014) sublinha como a sociedade vai repudiar as pessoas em situação de vulnerabilidade e colocá-las em igualdade meritocrática com as demais de mesma idade. “Trata-se de um imaginário incrustado em nossa cultura política, no Estado e nas políticas socioeducativas” (p.176), afirma que esses sujeitos

Sairão da escola aprendendo que não conseguem fazer o percurso exitoso de passagem porque são membros de coletivos sociais, raciais, étnicos, regionais que ficaram à margem do progresso, da modernidade, do trabalho, da riqueza, da terra, e até à margem da escola porque preguiçosos, sem valores de êxito e de trabalho. (p. 177).

Como trazido no início deste capítulo, o PreparaNem traz uma reconfiguração da sala de aula, transforma a experiência do ensino-aprendizagem e faz com que o espaço da sala se movimente. Mas porque é tão importante que ele exista e que contribua para o acesso da população LGBTQIA+ à universidade? Como o espaço do PreparaNem passa a ser por si só parte do movimento social como pré-vestibular social?

No contexto das contradições sociais expressas no sistema educacional brasileiro, o Pré-Vestibular Social responde a uma demanda legítima dos segmentos economicamente menos favorecidos da população, reconhecendo a necessidade e o mérito de uma ação pública nessa área. Afinal, apesar da falta de estímulo e recursos, segmentos das camadas mais desprovidas já se organizavam no sentido de buscar alternativas para

⁴⁶ Grifos do autor

superar as deficiências do ensino público, visando a ter acesso à universidade pública. (BASTOS et al., 2010, p. 128)

É importante sinalizar que o ingresso nas universidades acontece através do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), que utiliza a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para avaliar as competências e habilidades dos inscritos. A partir de 2009 esse dispositivo é usado como ingresso nas universidades e passa a influenciar os currículos do Ensino Médio (EM). Através do SiSU, o aluno pode se candidatar a uma vaga em qualquer universidade pública do país, uma vez que ela esteja no rol do sistema.

Além do ingresso nas universidades públicas, a nota do ENEM é utilizada pelo Programa Universidade para Todos (ProUni)⁴⁷ que oferece bolsas pelo Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) possibilitando, assim, o ingresso em universidades particulares. Além da sua ampla utilização, passou a servir até 2017 como certificação de conclusão do ensino médio em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), antigo supletivo, substituindo o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA)⁴⁸.

Bourdieu (1966) analisa em um de seus textos o ingresso nas universidades francesas, essa ponderação pode ser aplicada à realidade brasileira que

Justamente porque os mecanismos de eliminação agem durante todo o cursus⁴⁹, é legítimo apreender o efeito desses mecanismos nos graus mais elevados da carreira escolar. Ora, vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na universidade que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores às daquelas de um jovem de classe média.

[...]

Parece, com efeito, que a explicação sociológica pode esclarecer completamente as diferenças de êxito que se atribuem, mais frequentemente, às diferenças de dons. (p. 45)

Os pré-vestibulares sociais (PVS) – também chamados de populares – surgiram em iniciativas da Igreja Católica e do Movimento Negro, tendo também participação do Movimento Estudantil, Movimento Sindical e dos Movimentos Comunitários. Em todos os casos, atendem as populações de minorias excluídas do processo educacional hegemônico.

⁴⁷ O uso do ENEM para o ProUni é anterior, de 2004, ano da criação do programa no governo do Luiz Inácio Lula da Silva.

⁴⁸ Atualmente, o ENCCEJA é a prova que oferece a certificação.

⁴⁹ Percurso efetuado pelo aluno na carreira escolar (tradução de Aparecida Joly Oliveira).

Estes cursos surgiram com mais força nos anos 1990, e se disseminaram no Rio de Janeiro a partir do Pré-Vestibular Negros e Carentes (PVNC) em São João de Meriti, Baixada Fluminense. Apesar de nas décadas de 1980 e 1990 ter havido uma expansão da educação básica, isso não proporcionou maior ingresso das camadas populares ao ensino superior. “As políticas educacionais se voltavam para a entrada das camadas populares no mercado de trabalho como mão de obra pouco qualificada” (VASCONCELOS, 2015, p. 22).

Podemos notar que o PVNC foi o precursor desse tipo de iniciativa no Rio de Janeiro. A partir dele, e de alguns de seus dissidentes, diversos outros cursos surgiram, exaltando seus perfis militantes nas diferentes vertentes sociais. Segundo Vasconcelos (2015)

A partir do ano 2000 se percebe juntamente com os movimentos originados de ativismos e comunidades, o aumento do número de cursos que nasceram nas universidades, na Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói, por exemplo, diversos cursos são criados, muitos deles assumem a alcunha de pré-universitário.

O pré-Universitário é um conceito que representa concepções distintas de forma e ação de um curso popular ou comunitário, mesmo trazendo vários objetivos em comum, os pré-universitários dão centralidade a outros assuntos.

[...]

Assim, um pré-Universitário pretende ir além do preparo para o vestibular, ele busca preparar o aluno para sua inserção na universidade, uma inserção que seja como sujeitos autônomos. (p. 31-32)

O autor também aponta que as práticas do pré-universitário deveriam estar ligadas à apreensão de conhecimento acima de tudo. O que não acontece em todos os cursos uma vez que, pelo tempo e pelas pessoas que o constituem, diversos caminhos são seguidos e, às vezes, corrompidos pela necessidade de aprovação. Isto se dá não só pelo reconhecimento na inserção dos alunos nas universidades, mas para a garantia de que os projetos receberão verbas, ou seja: o curso que aprova mais tem mais chances de ser contemplado⁵⁰.

Arroyo (2014) ressalta que

⁵⁰ Os PVS são responsáveis por diversos ganhos sociais, não podendo ser reduzidos a meros espaços educativos. Além da inserção dos alunos na universidade, foram responsáveis pelas conquistas do ProUni e para a implementação das ações afirmativas pelas universidades. “Nada disso existiria se, na década de 1990, não houvesse nascido e se difundido o movimento dos pré-vestibulares populares, capilarizando socialmente a pauta da democratização (racial) do ensino superior, que vai ganhar espaço na agenda pública” (SANTOS, 2010, p. 87 apud VASCONCELOS, 2015, p. 39).

Primeiro, que a luta por escola e universidade não vêm isoladas, mas atreladas às lutas por lugares de produção de existência, da realização como humanos, por terra, território, teto, história, memória, por identidades coletivas como direitos ou como o conjunto de lugares negados a serem ocupados

[...]

Neste quadro histórico de negação/segregação desses coletivos dos espaços de viver da cidadania e, sobretudo, nesse quadro de lutas por espaços, ocupar os espaços das escolas, das universidades [...] adquire uma dimensão política nova que extrapola a função social e política atribuída a escola e às universidades nas políticas públicas e nas teorias pedagógicas. (p. 244-245)

É através dessa exclusão, sobretudo numa sociedade que acredita na ascensão social através da educação, que a elite submete à desigualdade uma grande parte da população, principalmente aquela marginalizada, pobre e negra. Este é senão o papel mais importante da professora de Geografia em um pré-vestibular social: entender que a luta está ligada também a luta por espaços negados a essa população que o acessa.

O grande problema nessa questão é que, a partir do momento que o ENEM é o objetivo maior de qualquer curso, ele passa a conduzir o percurso educacional, traduzido em regular os currículos do Ensino Básico, principalmente, os do Ensino Médio. É o momento no qual os docentes precisam ter consciência da sua disciplina e do seu papel, para que entenda as dificuldades que serão impostas burocraticamente, por um sistema que se diz democratizado, mas cada vez mais restringe acesso de uma parte da população ao ensino superior público.

Foi na convivência com essas pessoas que ficaram claros diversos problemas que estavam ligados ao ensino de Geografia, mas também a base da educação como um todo. Considerando que os pré-vestibulares são facilitadores para ingresso nas universidades e que todos os alunos já cumpriram sua formação básica, seria esperado que fossem sabidos conteúdos básicos de todas as disciplinas, inclusive Geografia.

Os currículos de Geografia traçam os conteúdos que devem ser abordados no ensino básico, o problema é que, em algumas escolas, os conteúdos são ministrados de forma superficial e, em muitas delas, a infraestrutura não permite que professoras e professores tenham melhor desempenho com alunos.

Escolas sem docentes, salas superlotadas, alunos fora da idade escolar ou com idades variadas dentro da mesma série etc., são realidades comuns. Infelizmente, é essa realidade que os depoimentos das pessoas que acessam o

PreparaNem trazem quando questionamos o porquê daquele assunto ser desconhecido.

A precarização da educação pública continua e, de modo geral, o ensino se constitui como híbrido de conteudismo e outras concepções de ensino-aprendizagem. Consideramos que a maior entrada de discentes oriundos de camadas populares da sociedade nas IFES⁵¹ é muito mais resultado das ações afirmativas do que devido à forma do ENEM. As ações afirmativas estão presentes também no Sistema de Seleção Unificada (SiSU), lá utilizando a nota do ENEM os estudantes podem concorrer a vagas reservadas por critérios de renda, etnia etc. (VASCONCELOS, 2015, p. 148)

O ensino do pré-vestibular que deveria ser de retomada, revisão e aprofundamento de conteúdos, passa a ter cunho formativo, sendo algumas vezes o primeiro contato com a Geografia. E a partir disso, os diversos questionamentos apontados na introdução deste trabalho passaram a construir as pesquisas para fazer com que a Geografia fosse interessante.

Bourdieu (2015) vai discorrer sobre como a escola mantém, sob o discurso de igualdade, as desigualdades entre os indivíduos para garantir às classes sociais seus privilégios. Através da carga cultural, cada classe legitima a fala de valor desse conhecimento, colocando uns acima dos outros, apontando o que é ou não cultura, o que é ou não ciência. E de que maneira isso influencia na importância dada aos estudos, acima de tudo.

O PreparaNem não se configura um movimento educador somente por contribuir para a inserção de pessoas LGBTQIA+ na universidade, mas, também, por receber estudantes, professoras e professores em formação deslocado suas zonas de conforto e sua percepção do que é esse papel docente e como construí-lo de forma mais significativa. Principalmente para a comunidade, os espaços de sociabilidade são espaços de resistência.

Como professora de Geografia, e na época estudante, percebi que muitas das minhas amigas e amigos não conseguiam estar nas salas do PreparaNem pelo enquadramento do que é o papel docente em sala e, principalmente, como esse docente deveria se comportar e lidar com “alunxs”.

Era desconfortável não somente os diferentes corpos e vivências presentes naquela sala, mas também a forma como aquela sala estava disposta, a proposta das aulas conjuntas com outras pessoas, a possibilidade de ter seu saber questionado.

⁵¹ Instituições Federais de Ensino Superior

A Geografia estuda espaço, lugar, território, poder, disputas etc., mas a licenciatura não nos prepara para que esses conceitos estejam praticados no espaço da sala de aula e se coloquem diante de nós. São conceitos abstratos, “ensináveis”, que devem estar no âmbito do que é ensinado e aprendido, não no experimentado. A sala de aula do PreparaNem ensinava mais Geografia que a universidade, pelo menos para mim.

Alguns assuntos que antes não haviam chegado às discussões da sala de aula na universidade, atravessavam as aulas de Geografia e forçavam um movimento não somente meu, pessoal, para estudar, mas um movimento da universidade em me fornecer o embasamento científico daquilo que me era cobrado. Assim, diversos autores passaram a fazer parte da literatura das aulas de formação pedagógica.

Acredito que aqui Pinto (2020) ao trabalhar o conceito de heterotopia de Foucault (2009) contemple a complexidade do saber-fazer-saber que o espaço do PreparaNem traz para nós.

Uma heterotopia é, portanto, uma utopia que pode ser localizada que, por estar regida por normas diferenciadas que regulam nosso comportamento social cotidiano, tende a produzir um tipo de experiência também diferenciada num marco temporal que é próprio a este lugar outro. Ela se apresenta como um “contraespaço”, um “contraposicionamento”, o que explicita, ao mesmo tempo, sua materialidade, distinguindo-as, assim, das utopias; mas também, sua capacidade de pôr em xeque o real, desequilibrando-o, dando a ver e a viver as possibilidades plurais de “posicionamentos” na existência.

Sob essa perspectiva, Foucault (2009) ainda aponta que a “A heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (p.418). Assim, o PreparaNem, como heterotopia, provoca as pessoas que se propõem a contribuir ensinando ali a voltarem sempre ao seu lugar de estudante e pesquisadora.

Cavalcanti (2012) ainda destaca a importância da pesquisa no processo de formação dos geógrafos, tanto da licenciatura, quanto do bacharel, pois este “necessita conhecer a produção de conhecimentos da sua área, conhecer e participar de práticas de pesquisa em seu campo de conhecimento, realizar pesquisas em diferentes níveis” (p. 78); “ou seja, o professor é um intelectual autor do seu trabalho, que pesquisa sobre o que faz e não simplesmente executa, na prática, a teoria dos outros” (p. 20).

É importante destacar os aspectos acima, pois em grande parte a disputa dos espaços formativos inclui a ideia de que a licenciatura se encontra em posição de importância abaixo do bacharelado. Dando respaldo à movimentos de desvalorização da Geografia, e dos profissionais, no ensino. A universidade resiste à outras maneiras de formar e de se constituir enquanto academia, e os movimentos sociais nos ensinam a resistir e criar novas formas de existir na educação.

Além disso, é importante ressaltar que espaços de sociabilidade e trocas de conhecimento, como o PreparaNem valorizam a oralidade, trazem os saberes oralizados como forma de construção de saberes coletivos, reproduzidos pela comunidade LGBTQIA+. Compartilhados, tais saberes são fundamentais para a resistência da população que sofre com a violência cotidiana, possibilitando mais vidas habitáveis.

Ensinar uma matéria depende não apenas de métodos didáticos, mas de outros tipos de métodos, como o método científico, os métodos de cognição e os métodos particulares das ciências (...) Implica, também, métodos de cognição que correspondem aos processos internos de aprendizagem do aluno como observação, a análise, a síntese, a abstração e, ainda, os métodos particulares das ciências que servem de base à investigação e à constituição do campo científico (LIBÂNEO, 2008, p.77 in CAVALCANTI, 2012, p. 142)

Isso revela a importância de repensarmos as práticas docentes e na importância de fortalecermos os espaços das salas de aula construindo salas de aula segura para os múltiplos corpos que as ocupam. Além disso é preciso rever a formação dos profissionais que estão saindo das universidades. E de que forma multiplicar a experiência do PreparaNem em outros espaços de educação?

Essa pergunta me acompanhou em diversos momentos da prática docente. Como tudo que aprendi naquele lugar poderia ser utilizado, não só por mim, mas por todas pessoas que por ele passam, podem contribuir de forma positiva nos demais espaços de educação, principalmente os espaços formais?

Aqui utilizo as pistas recolhidas com alunas e alunos do PreparaNem dos métodos, conteúdos e ferramentas que foram positivos no ensino-aprendizagem. Além disso, ao estabelecer desde sempre uma postura de aceitação, afeto e respeito com os diversos corpos nas salas de aula e demais espaços da escola, foi fundamental.

É preciso destacar que cada espaço vai precisar de uma estratégia, pois como vimos até aqui, existem forças que atuam neles e que estão à espreita na

tentativa do silenciamento e ele acontece com frequência. Por trás de muitos discursos progressistas, existem posturas e atitudes conservadoras e preconceituosas que monitoram a todo momento os esforços de acolhimento.

Como sabemos, enquanto mulheres nossos discursos são constantemente invalidados, desqualificados e colocados em dúvida. Precisamos ser mais que especialistas das nossas áreas para podermos falar com propriedade sem sermos questionadas. Precisamos nos destacar e conquistar muito mais para termos a mesma visibilidade profissional que homens.

Quando assumimos um comportamento de liderança, de exigência e de não submissão, tendemos a receber adjetivações negativas – que nunca seriam atribuídas a homens – e que vão anteceder nossas ações. Isso prejudica a postura adotada em sala, por estar sempre sofrendo monitoramento. O que dificulta caso o ambiente de trabalho na escola não seja receptivo.

Quando me apresento como professora de Geografia e faço questão de falar que também estou no PreparaNem e eu explico o que ele é, observo que atraio a atenção de algumas pessoas que precisavam ouvir aquilo, ao mesmo tempo que choco outras que desconsideram a vida das pessoas transexuais e travestis. Quando enuncio isso em frente de toda a turma, dou materialidade a existência desses corpos e deste lugar.

Não somente a postura em sala, mas a observação de certos fenômenos geográficos e a abordagem deles em sala de aula, através de textos e discussões, faz com que o espírito crítico seja aguçado e possamos corrigir discursos preconceituosos com base na ciência, tentando dirimir a multiplicação deles em outros espaços.

A postura de uma mulher que se impõe traz consigo, através do exemplo, meninas que se posicionam mais em sala de aula, participam mais ativamente das atividades da escola e buscam mais áreas do conhecimento como objetivo de formação superior. Elas conseguem se impor a excitação e ao barulho feitos pelos meninos que, como vimos anteriormente, acabam sendo permitidos a tanto.

Além disso, a postura de afeto e aceitação faz com que outros corpos se sintam livres para participar e valorizados pelo que são, sem precisar se preocupar de justificar a sua presença naqueles espaços. Quando a preocupação não está em se manter seguro, vivo e aceito, fica mais fácil prestar atenção na matéria que é

dada. Fica mais fácil participar de atividades extraclasse por saber que existirá alguém que estará lá por você sempre que necessário.

A experiência do PreparaNem vai ressignificar não somente o que é imaginado como sala de aula através da sua nova forma de estabelecer aquele espaço, mas também a formação docente daqueles que passam por lá, dando uma nova chance de se constituir como professor/a para tornar mais significativo aquele aprendizado.

Assim como a frase que dá título a esta seção, tornar visível a existência de diversas pessoas em uma sala de aula vai transformar a experiência escolar, de aprendizado em algo significativo, criando afetos e provocando uma expansão destes espaços. Se os corpos dissidentes ocupam tais espaços e são tratados da mesma forma, acabam por forçar as estruturas a se adequarem e ampliarem seus horizontes.

Também vai transformar o olhar de professor ao observar a disciplina e a sala de aula, não só a do PreparaNem, mas outras salas, outras vidas e, de alguma forma, criar e fortalecer a luta contra a violência contra as pessoas LGBTQIA+, dando mais possibilidades de vidas vividas plenamente.

O que ficou nítido em todo este percurso pesquisador e acadêmico é que o PreparaNem cria um espaço-tempo peculiar que se produz diferentemente da universidade. Foi somente estando nele que fui confrontada sobre a naturalização do espaço da escola e da formação docente e foi somente ele que possibilitou a revisão de discursos, leituras e visão de mundo que limitavam não somente a minha experiência docente, mas também a existência de outras pessoas nestes espaços.

Em 2023, nós professores sofremos diversos ataques, com uma sequência de tentativas de homicídio e violência dentro dos espaços escolares. Professores foram perseguidos, mortos e tiveram a *patrulha parental* cada vez mais agressiva dentro das escolas. Os discursos de ódio direcionado à classe se multiplicaram e criaram espaços de insegurança e apreensão, principalmente, mas não somente, aos professores das Ciências Humanas.

Talvez se experiências como o PreparaNem fossem amplas e presentes nas formações docentes, se essa distância entre a formação e o fazer docentes fossem menores, nós teríamos menos experiências de violências nas escolas. A presença de múltiplos corpos, aliada ao respeito pela sua existência transformariam a escola e, por consequência, a sociedade.

CONCLUSÕES

É importante salientar que os mais diversos corpos circulam nos ambientes de educação, sejam eles formais ou não. Essas pessoas adquiriram ao longo da sua vida diversas experiências nesses espaços e constroem com eles relações de proximidade ou afastamento de acordo com o que foi vivido. Para muitas pessoas, a escola foi ambiente hostil e violento, capaz de produzir aversão.

Para entender esse babado, é preciso estar atento e permitir que os discursos de resistência falem mais que as cicatrizes causadas pelas violências sofridas. Criando discurso potente de força e que possibilite a multiplicação dos espaços aos quais a população LGBTQIA+ possa ocupar.

Se é na escola que a heteronormatividade vai se reproduzir nos lanches e nos espaços múltiplos de aprendizado, é lá que nossa formação docente precisa atuar com mais competência e sabedoria. É lá que os espaços e os discursos serão disputados, tensionando e afrouxando as discussões que acontecem fora da escola.

A escola, enquanto instituição, segue sendo palco das distensões conceituais e da dicotomia entre proteção e controle dos corpos, ainda escolhendo quais corpos proteger e quais deixar de lado. É nela que os discursos heteronormativos são reafirmados, mas também encontram corpos dissidentes que disputam espaços e visibilidade, obrigando a ela a se reinventar e organizar novas formas de controle.

Algumas pessoas vão sofrer, muito mais que outras, esse controle dos corpos. Na literatura, é vasta a pesquisa que mostra como a escola vai se tornar um ambiente de expulsão escolar e transforma a experiência de estudar em verdadeiro sofrimento para diversas pessoas, dificultando o retorno aos ambientes de aprendizado.

É nesse contexto que o PreparaNem atua e vai mudar a percepção que essas pessoas têm do espaço onde acontece o ensino-aprendizagem. Além disso, ele vai mudar naquelas pessoas que se propõem a dar aula, a percepção de mundo e dos corpos que estão no mundo, podendo provocar mudança no olhar desta futura professora ou professor.

O PreparaNem vai estimular que aquelas pessoas que chegam com o intuito de dar aula de uma disciplina naquele espaço busquem novas formas de conhecimento, novos autores de suas áreas que tenham pesquisado outras formas

de observar fenômenos. Também obriga que as pessoas se abram para ouvir as experiências de alunas e alunos sobre seus conteúdos, discutindo outras abordagens.

Além disso, é necessário transformar o olhar sobre o padrão dos corpos, como eles pode se apresentar em uma sala de aula, a forma como podemos estar em sala de aula de maneira menos hierarquizada, e assim, modificar nossos olhares colonizados e preconceituosos, nos tornando mais humanizados e humildes. Entendendo, dividindo, ensinando e aprendendo como Freire postulou.

Claro que isso depende daquela pessoa que está acessando o espaço do PreparaNem estar interessada em ouvir com atenção naquele espaço e ver com atenção aqueles corpos. É preciso vontade de mudar a formação, questionar a universidade pela diversidade, pela inclusão de leituras de autores mais diversificados, que contemplem outros universos.

Não é fácil desfazer concepções das noções de sala de aula, construídas durante toda nossa vida escolar. Como romper com a forma que definimos a sala de aula: o conhecimento vai da frente da sala, dado pelo professor e chega ao fundo, passando pelos alunos? Isso dá trabalho e é necessário que se tenha vontade de transformar a realidade.

A experiência do PreparaNem ultrapassa a formação de pessoas para o ENEM. Ela transforma a constituição da pessoa docente que precisa rearticular conhecimentos, desde a universidade até o mercado de trabalho e seus estudos sobre a disciplina; a universidade quando recebe corpos diferentes que demandam uma mudança nas discussões e na percepção dos espaços; e outras experiências de vida das pessoas, dando suporte, afeto, acolhimento, materialidade a sua existência.

Foi através do PreparaNem que percebi que os discursos de impessoalidade e distanciamento entre as pessoas em sala de aula, eram atravessados pela necessidade do acolhimento, do abraço, do afeto, do ouvido atento e da escuta presente. Percebi que foi acreditando nas pessoas, torcendo por elas, chorando com elas, ouvindo suas dores e dando voz às suas reivindicações que fiz a Geografia fazer sentido para elas e a aprendizagem ter mais significado.

O PreparaNem é o espaço de disputa e produção coletiva do conhecimento. É espaço de desenvolvimento das pessoas e do movimento social. Incomoda,

tensiona, estimula, critica, luta para que a população LGBTQIA+ possa viver vidas plenas, vívidas, felizes e cheias de vida.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno da fake news: definição, combate e contexto. **Internet & Sociedade**, v. 1, n. 1, 2020.

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis. Editora Vozes, 2014.

AUAD, Daniela; SEPULVEDA, Denize. Relações de Gêneros e Sexualidades no Brasil: desafios interseccionais e justiça para mulheres negras e LBT'S. **Revista Aceno**. v. 9, n. 21, 2022.

BENEVIDES, BRUNA; NOGUEIRA, Sayonara. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

_____; LEE, Débora. Por uma Epistemologia das Resistências: Apresentando Saberes de Travestis, Transexuais e Demais Pessoas Trans. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, v. 9, n. 2, p. 252-255, 2018.

_____. Diversidade Sexual no Ambiente Educacional. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2017/11/diversidade-sexual-no-ambiente-educacional-por-bruna-benevides.html>. 2017.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 19, p. 549-559, maio. 2011.

BISPO, Joana Nély Marques. Práticas lúdicas educativas com o cotidiano da Escola Municipal Pastor Ricardo Parise em São Gonçalo, RJ. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores 2019.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

Bottomore, Tom B. **As elites e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, [1964] 1974.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CAETANO, Márcio. Movimentos curriculares e a construção da heteronormatividade. In: RODRIGUES, Alexsandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa (org.). **CURRÍCULOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES Experiências Misturadas e Compartilhadas**. 2013. cap. 3.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6.ed. rev. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009

CARNEIRO, Sueli; VAINER SCHUCMAN, Lia; LISBOA, Ana Paula. Alianças possíveis e impossíveis entre brancos e negros para equidade racial. **BRANQUITUDE: RACISMO E ANTIRRACISMO**, [S. l.], Agosto 2021. BRANQUITUDE: RACISMO E ANTIRRACISMO, DIÁLOGOS DO ENCONTRO 26 A 28 DE OUTUBRO DE 2020, Instituto Ibirapitanga.

CARRANO, Paulo; Dayrell, Juarez. Juventude e Ensino Médio: quem é esse aluno que chega à escola? In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. **Juventude e Ensino Médio: diálogo, sujeitos e currículos**. UFMG, 2014.

CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua; FERREIRA, Sandramor do Amaral. PEDAGOGIA QUEER: UMA NOVA PROPOSTA NO MEIO EDUCACIONAL. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, n. 2, Suplementar, p. 12-21, set 2017.

COSTA, Graça. Prólogo: O desmonte do Estado. In: SINGER, André, JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

COSTA, Gisele Ferreira da. **O AFETO QUE EDUCA: afetividade na aprendizagem**. UFJF. 2017.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10, vol. 1, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>

FONSECA, Tania Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abcedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976), São Paulo, Martins Fontes, 2005.

_____. **Segurança, Território, População**. Curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. Outros espaços. **Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. Olho d'Água, 1993.

_____. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974

GARCIA, Juan Leal. O Corfebol e a equidade entre os gêneros na escola. **Dissertação de Mestrado**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais. 2022.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

_____. Intelectuais Negras. In: **Revista Estudos Feministas**. V.03. Ed.02. 1995

LEITE, Cristina Maria Costa. O CONCEITO LUGAR NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA ESCOLAR. **Itinerarius Reflectionis**, Goiás, v. 14, ed. 2, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. LOURO, Guacira Lopes. Educação e Gênero: a escola e a produção do feminino e masculino. In: SILVA, Luiz Heron; AZEVEDO, José Clovis. **Reestruturação Curricular: teoria e prática no cotidiano da escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. Os Estudos queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. **Contemporânea**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 363-369, jul. 2012.

_____. Teoria queer - Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. 2001

_____. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MENDONÇA, Amanda André de; MOURA, Fernanda Pereira de. "Ideologia de gênero" e escola sem partido: a agenda privatizante moralizadora para a educação brasileira. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 5, n.2, 2019.

MELO, Carla. Como o aumento da violência nas escolas afeta o professor? **Nova escola**. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/21354/como-o-aumento-da-violencia-nas-escolas-afeta-o-professor?__dPosclick=POUMf.DX7y.cfda.

MISKOLCI, Richard. Um saber insurgente ao sul do Equador. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 43-67, maio. 2014.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea**, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 395-418, jul. 2012.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, [S.l.], n. 1, p. 125-157, abr. 2009. ISSN 1984-6487.

PESSOA, Fernanda. Caça às bruxas na educação brasileira: Casos de perseguição de docentes e a inconstitucionalidade destas ações. Disponível em: <https://catarinass.info/caca-as-bruxas-na-educacao-brasileira/>. Acesso em: 04/01/2022.

PINHEIRO, Joaquim A. P. A Geopolítica da Produção e da Circulação do Conhecimento. In **Conexão Política**. v. 9, n. 1 (2020).

PINTO, Liliana Secron. **Salas de leitura e suas heterotopias como dispositivo para uma formação inventiva de professores**. Orientador: Prof.^a Dra. Rosimeri de Oliveira Dias. 2020. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, [S. l.], 2020.

PIOVESAN, Flavia. AÇÕES AFIRMATIVAS DA PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS. **Cadernos de Pesquisa**, [s. l.], v. 35, n. 124, p. 43-55, 2005.

PORTO, Tiago da Silva. A incômoda performatividade dos corpos abjetos. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 39, n. 62, p. 157-166, ago. 2016 .

SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SEPULVEDA, Denize; SILVA, Sandra Kretli. O que ganhamos, o que não podemos perder: criações curriculares e tecnologias nos cotidianos escolares. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 3, 2022.

_____; SCHUELER, Alessandra; BAEZ, Jéssica. Apresentação – Dossiê História das Mulheres e Educação: perspectivas de pesquisa e formação de professores. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. V.7, N.2, 2021.

_____; SEPULVEDA, Yuri. Os dilemas das redes e a modulação dos comportamentos dos usuários: o que isso tem a ver com os processos de aprendizagem? **Revista Aleph**. N. 36, 2021.

_____; CORREA, Renan; FREIRE, Priscila. **Gêneros e sexualidades**: noções, símbolos e datas. — Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2021.

SEPULVEDA, Denize. **Emancipação social e exclusão no cotidiano escolar**: A homofobia e sua influência nas tessituras identitárias. Tese de doutorado.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

UNICEF. **Cyberbullying**: o que é e como pará-lo 10 coisas que adolescentes querem saber sobre cyberbullying. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/cyberbullying-o-que-eh-e-como-para-lo>.

TAKARA, Samilo. Histórias de meninos afeminados: resistência e política nas leituras de artefatos culturais. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 2, n. 9, p. 226-244, jan./jun. 2017.

TANZI, Alexandre. **Suicídio aumenta entre adolescentes e jovens nos EUA**. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2019/10/17/suicidio-aumenta-entre-adolescens-e-jovens-nos-eua.htm>.

VASCONCELOS, André Tinoco de. **Pré-vestibulares populares: desafios políticos ao currículo e ensino de Geografia**. (Dissertação de Mestrado). UERJ. 2015.

YORK, Sara. **TRAVESTI: FRAGILIDADE NO ENSINO**. [s. l.], 2018.

_____. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação**. Orientador: Fernando Altair Pocahy. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ) - UERJ, [S. l.], 2020.

ZAGO, Nadir. **Cursos pré-vestibulares Mudares: limites e perspectivas**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 26, n. 1, 149-174, jan./jun. 2008